

## Leia nesta edição

PÁGINA 02 | Editorial

### A. Tema de capa

» Entrevistas

PÁGINA 05 | Eugênio Vilaça: SUS. O sonho da universalização e o pesadelo da segmentação

PÁGINA 07 | Gastão Wagner: “Todos os brasileiros se utilizam do SUS, de modo direto ou indireto”

PÁGINA 09 | Hesio Cordeiro: Saúde é direito de todos e dever do Estado: uma questão de consciência sanitária

PÁGINA 10 | Moacyr Scliar: “Ruim com SUS, pior, mas muito pior, sem ele”

PÁGINA 12 | Sarah Escorel: SUS: um sistema de saúde completamente inovador

PÁGINA 14 | Sônia Fleury Teixeira: “Precisamos conseguir implantar o SUS efetivamente antes de pensar em reformá-lo”

PÁGINA 16 | Paulo Gadelha: Saúde é um direito do cidadão e um dever do Estado

### B. Destaques da semana

» Entrevista da Semana

PÁGINA 21 | Luiz Alberto Oliveira: O desafio dos ciborgues: multidimensionalizar o próprio humano

PÁGINA 24 | Virna Teixeira: A poesia como distância e aproximação

» Invenção

PÁGINA 28 | Eduardo Jorge

» Reportagem

PÁGINA 31 | Nanotecnologias em debate: participantes do Simpósio Internacional dão suas opiniões

» Análise de Conjuntura

PÁGINA 33 | Destaques On-Line

### C. IHU em Revista

» Agenda de Eventos

PÁGINA 36 | Renata Domingues: “Não estamos numa guerra de sexos com a nossa luta feminista”

PÁGINA 38 | Demétrio Luís Guadagnin: Conservação e exploração da biodiversidade – Limites e oportunidades

» Perfil Popular

PÁGINA 40 | Valcimar Rambor Aquino

» IHU Repórter

PÁGINA 42 | Máisa Beltrame Pedroso



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

A.

Tema de Capa

# SUS. O sonho da universalização e o pesadelo da segmentação

Para Eugênio Vilaça, o SUS não atingiu a todas as expectativas dos constituintes e do movimento sanitário

POR GRAZIELA WOLFART

**N**a opinião do professor Eugênio Vilaça Mendes, a maior lacuna entre o SUS que temos e o SUS que queremos está na concepção macroeconômica vigente do sistema de saúde brasileiro, que se estrutura na perspectiva da segmentação. No entanto, ele acredita que há avanços a comemorar nesses 20 anos de SUS. E exemplifica: “Houve um incremento do acesso dos brasileiros à saúde; a atenção primária à saúde melhorou muito, especialmente, por meio do Programa de Saúde da Família; há bons resultados nos programas de imunização, nos transplantes de órgãos, no programa de controle do HIV/Aids”. Eugênio Vilaça Mendes possui graduação em Odontologia, mestrado em Administração, e doutorado em Cirurgia Bucal, pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Além disso, tem especialização em Planejamento de Sistema de Saúde, pela Fundação Oswaldo Cruz. Atualmente, é assessor da Secretaria de Estado da Saúde de Minas Gerais, professor da Escola de Saúde Pública do Ceará, consultor para o projeto Qualisus do Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento (Banco Mundial) e consultor da Secretaria de Estado de Saúde do Espírito Santo. Confira, a seguir, a entrevista que ele concedeu por e-mail para a IHU On-Line.

**IHU On-Line - Qual é a sua avaliação sobre o Sistema Único de Saúde brasileiro? Ele atinge as expectativas de quando foi planejado e implantado, com a Constituição de 1988?**

**Eugênio Vilaça** - Creio que o SUS não atingiu a todas as expectativas dos constituintes e do movimento sanitário, que foram os principais atores que o criaram na Constituição de 1988. O principal problema está em que o SUS foi concebido como um sistema público universal, à semelhança dos sistemas de saúde da Europa Ocidental e Canadá, mas que, na prática social, vem sendo implantado como um subsistema público de um sistema de saúde segmentado, que convive com dois subsistemas privados: o subsistema de saúde suplementar e o subsistema de desembolso direto. Os dados do Relatório Mundial da Saúde da OMS de 2008, recentemente publicados, mostram

que o SUS consome apenas 44,1% dos gastos em saúde no país e os subsistemas privados, 55,9%. Assim, o sonho da universalização vem se transformando no pesadelo da segmentação, já que há evidências, na literatura internacional, de que a segmentação dos sistemas de saúde leva à iniquidade e a resultados econômicos e sanitários pobres. O melhor exemplo são os Estados Unidos, que gastam mais de seis mil dólares *per capita* anuais e têm níveis de saúde piores que outros países desenvolvidos que gastam muito menos.

**IHU On-Line - Quais são as maiores lacunas entre o SUS que temos e o SUS que queremos?**

**Eugênio Vilaça** - Sem dúvida, a maior lacuna está na concepção macroeconômica vigente do sistema de saúde brasileiro que se estrutura na perspectiva da segmentação. Um dos resulta-

dos mais claros dos sistemas segmentados, na experiência internacional, é que, nele, o subsistema público tende a ser subfinanciado. A razão é simples: os segmentados sociais melhor posicionados na estrutura social retiram-se, pelo menos parcialmente, do subsistema público, contratando planos privados e, por conseqüência, ele tende a se transformar num nicho de pobres. Infelizmente, nas sociedades com alto grau de exclusão, os pobres têm dificuldades de articular organicamente seus interesses e de vocalizá-los nos grandes centros decisórios. Isso permite manter subfinanciado o sistema público, como é o caso do SUS.

**IHU On-Line - Quais são os principais desafios, avanços e dilemas do SUS hoje?**

**Eugênio Vilaça** - Há avanços a comemorar nesses 20 anos de SUS. Em ge-

**“Não se pode dizer que o SUS seja um sistema só para os pobres. Segmentos sociais incluídos fazem uso regular de certos serviços, especialmente aqueles mais custosos, como medicamentos de prescrição em caráter excepcional, transplantes de órgãos, controle de HIV/Aids etc”**

ral, houve um incremento do acesso dos brasileiros à saúde; a atenção primária à saúde melhorou muito, especialmente, por meio do Programa de Saúde da Família; e há bons resultados nos programas de imunização, nos transplantes de órgãos, no programa de controle do HIV/Aids e outros, onde o SUS tem desempenho exemplar no cenário mundial. Os principais desafios estão, no plano macroeconômico, na segmentação do sistema e, no plano microeconômico, na inconformidade do modelo de atenção à saúde praticado no SUS. O desafio microeconômico manifesta-se na incoerência entre uma situação de saúde caracterizada pela dupla carga de doenças, com predominância relativa forte das condições crônicas, e um modelo de atenção fragmentado, voltado prioritariamente para a atenção às condições agudas. Esse modelo não deu certo em países com sistemas de saúde maduros e não está dando certo no SUS. É preciso recompor a coerência entre a situação de saúde e o modelo de atenção à saúde pela estruturação de redes de atenção à saúde.

**IHU On-Line - Como está a questão tecnológica (equipamentos e infraestrutura) no sistema público de saúde no Brasil?**

**Eugênio Vilaça** - Há problemas nessa área que envolvem a inovação, a incorporação e a avaliação das tecnologias de saúde. As dificuldades se tornam maiores em função da forma

hegemônica de planejamento do SUS: o planejamento da oferta, do qual a concepção da PPI (Programação Pactuada Integrada) da assistência é elemento constitutivo. No planejamento da oferta, as necessidades de saúde da população são colocadas em segundo plano e os interesses dos atores sociais mais bem posicionados na arena política da saúde (prestadores de maior prestígio ou densidade tecnológica, produtores de equipamentos biomédicos e laboratórios e distribuidores de medicamentos) se manifestam com maior intensidade e tendem a abortar iniciativas racionais de introdução do planejamento das necessidades, da racionalização da incorporação e da avaliação das tecnologias sanitárias. Do ponto de vista econômico e sanitário, a forma como o SUS vem se estruturando, com base numa municipalização autárquica, levou a uma enorme fragmentação do sistema, com a dispersão de equipamentos sensíveis à escala (por exemplo, hospitais e laboratório de patologia clínica) que levam a uma ineficiência sistêmica e a serviços de baixa qualidade porque, em geral, nos sistemas de saúde, há uma associação entre quantidade e qualidade.

**IHU On-Line - Por que há tanta procura por planos de saúde hoje? Como deve se sentir um brasileiro que depende exclusivamente do SUS para se tratar em caso de doença?**

**Eugênio Vilaça** - Não creio que haja tanta procura por planos de saúde hoje. Dados da Agência Nacional de

Saúde Suplementar (ANS) mostram que a evolução das pessoas vinculadas aos planos privados médicos foi somente de 32 milhões em 2000 para 35,8 milhões em 2006, um crescimento que nada tem de espetacular. Por outro lado, os dados do IBGE das Pesquisas por Amostras Domiciliares mostraram que o uso regular de serviços de saúde cresceu, na população brasileira, entre 1998 e 2003, de 13,0 para 14,6%, e que esse aumento foi devido ao SUS e não ao sistema de saúde suplementar, que se manteve inalterado. Os brasileiros que dependem do SUS estão mais satisfeitos com os serviços que recebem. Pesquisa de opinião feita pelo Conass<sup>1</sup> mostrou que 45,2% dos usuários exclusivos do SUS acham que o sistema funciona bem ou muito bem; já dos não-usuários, apenas 30,3% o avaliam como funcionando bem ou muito bem. O que permite concluir que quem avalia mal o SUS são as pessoas que não o utilizam.

**IHU On-Line - Considerando a caminhada do SUS desde sua implantação, há a necessidade de uma reformulação e de retomar as lutas da reforma sanitária?**

**Eugênio Vilaça** - Os estudos empíricos sobre reformas de saúde mostram que mudanças radicais só são possíveis quando se manifesta uma ruptura institucional, tal como ocorreu com a redemocratização do país após a derrocada da Ditadura Militar. Não havendo, como tudo indica que não haverá, uma ruptura na democracia brasileira, resta o caminho das reformas sanitárias incrementais. É o que será possível no Brasil. Os caminhos dessa reforma incremental devem se dar, concomitante e dialeticamente, em dois planos: um na tentativa de romper a segmentação vigente e consolidar o SUS como um sistema público universal para todos os brasileiros e o sistema privado

<sup>1</sup> Conselho Nacional de Secretarias de Saúde (Conass): foi criado em 3 de fevereiro de 1982. É uma entidade de direito privado, sem fins lucrativos, que se pauta pelos princípios que regem o direito público e que congrega os Secretários e seus substitutos legais enquanto gestores oficiais das Secretarias de Estado da Saúde (SES) dos estados e Distrito Federal. (Nota da IHU On-Line)

**“Os brasileiros que dependem do SUS estão mais satisfeitos com os serviços que recebem”**

como um sistema realmente complementar que pode ofertar serviços que o Estado não ofereça gratuitamente; outro, na mudança radical do modelo de atenção à saúde praticado no SUS, integrando o modelo fragmentado vigente em redes de atenção à saúde.

**IHU On-Line - Em que medida o SUS pode ser visto como prática da solidariedade e da igualdade social? O senhor acha que ele pode ser considerado um sistema de saúde para os pobres?**

**Eugênio Vilaça** - Como mencionei anteriormente, o SUS como parte de um sistema segmentado de saúde, voltado principalmente aos segmentos sociais em situação de exclusão, não poderá ser, nunca, um sistema equitativo. O que não significa que, nestes 20 anos de existência, não tenha aumentado, significativamente, o acesso dos mais pobres aos serviços de saúde. Mas não se pode dizer que o SUS seja um sistema só para os pobres. Segmentos sociais incluídos fazem uso regular de certos serviços, especialmente aqueles mais custosos, como medicamentos de prescrição em caráter excepcional, transplantes de órgãos, controle de HIV/Aids etc., bem como de outros bens públicos, como os serviços de vigilância em saúde. Esse uso seletivo de serviços de alto custo tem duas implicações: de um lado, tende a incrementar a iniquidade; de outro, traz para dentro do SUS uma população que, ao utilizá-lo, acaba por diminuir os preconceitos em relação ao sistema público de saúde. Uma vez que segmentos de classe média utilizem regularmente o SUS, será impossível mantê-los subfinanciados.

## **“Todos os brasileiros se utilizam do SUS, de modo direto ou indireto”**

Na opinião de Gastão Wagner, o SUS expande o atendimento, ao mesmo tempo em que deixa a desejar em qualidade e humanização

POR GRAZIELA WOLFART

“O perfil do usuário do SUS é muito parecido com o dos brasileiros, que lidam com o processo de saúde e doença de mil modos, a depender da cultura regional, familiar, da disponibilidade de recursos etc. De qualquer modo, como tendência, em todos os segmentos sociais, predomina uma visão reduzida da saúde: ancorada no consumismo de fármacos e de procedimentos.” Essa é a visão do professor Gastão Wagner, em entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line. Para ele, “há uma crise de crescimento do SUS que ameaça sua legitimidade”. Gastão Wagner de Sousa Campos possui graduação em Medicina, pela Universidade de Brasília (UnB), especialização em Saúde Pública e mestrado em Medicina Preventiva, pela Universidade de São Paulo (USP), e doutorado em Saúde Coletiva, pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Atualmente, é professor titular da Universidade Estadual de Campinas, membro de corpo editorial das revistas *Trabalho, Educação e Saúde Ciência & Saúde Coletiva*. Tem experiência na área de Saúde Coletiva, com ênfase em Saúde Pública.

**IHU On-Line - Qual é o perfil do usuário do SUS? Em que contexto social estão as pessoas que se utilizam do Sistema Único de Saúde e como elas lidam com o processo saúde X doença?**

**Gastão Wagner** - Todos os brasileiros se utilizam do SUS, de modo direto ou indireto. O SUS é responsável pela Vigilância Sanitária e Ambiental, que regulamenta e fiscaliza alimentos, fármacos, estabelecimentos de saúde etc. O SUS é responsável pelo controle de epidemias e surtos, e pela vacinação. Todos são “usuários” destes programas que custam bilhões de reais a cada ano. Retirar isso é instaurar o caos sanitário, a barbárie. Os privatistas consumados,

hipocritamente, quando se referem ao corte em gastos públicos, não reconhecem esta dimensão coletiva do SUS. Apenas 25% dos brasileiros têm acesso a serviços privados de saúde. 75% somente contam com o SUS para realizar atenção à saúde: da simples consulta ao transplante de órgãos. Vale ressaltar que mesmo os brasileiros de classe média, ou com trabalho regular em grandes empresas e da elite – os 25% – também se valem de serviços do SUS em várias situações: transplante, tratamento de Aids, de transtornos mentais graves, câncer, terapia intensiva, entre outras. Respondendo à sua pergunta, o perfil do usuário do SUS é muito parecido com o dos brasileiros, que

lidam com o processo de saúde e doença de mil modos, a depender da cultura regional, familiar, da disponibilidade de recursos etc. De qualquer modo, como tendência, em todos os segmentos sociais, predomina uma visão reduzida da saúde, de que ela é ancorada no consumismo de fármacos e de procedimentos.

**IHU On-Line - Qual é a sua opinião sobre o sistema de gestão e de sustentabilidade do SUS?**

**Gastão Wagner** - Há uma crise de crescimento do SUS, que ameaça sua legitimidade. Se por um lado, o sistema expandiu o atendimento, por outro, deixa a desejar em qualidade e humanização. Esta crise é decorrente de três fatores principais: o financiamento inadequado, um péssimo e calamitoso sistema de gestão (o SUS não ficou imune ao patrimonialismo do estado brasileiro) e a incompleta implantação do modelo de atenção típico dos outros sistemas de saúde. A Atenção Básica (Saúde da família) atende a menos da metade da população. Necessitaríamos incorporar pelo menos 75% dela. Além disso, os hospitais não estão integrados ao sistema e até hoje não se definiu uma política de pessoal para o SUS.

**IHU On-Line - Como o senhor define a qualidade dos serviços prestados pelos profissionais do SUS? Há muitas diferenças se comparamos com o sistema privado de saúde?**

**Gastão Wagner** - A qualidade dos serviços oferecidos pelo SUS e pelo setor privado é heterogênea. Varia de serviço a serviço e de região a região. O SUS se destacou na oferta de alguns programas preventivos (como a Aids e a prevenção da mortalidade infantil) e fracassou com a epidemia de dengue, malária, tuberculose. O SUS tem um excelente programa de transplante; o tratamento do câncer está melhorando a olhos vistos; o atendimento a doenças crônicas, como hipertensão e diabetes, melhorou em extensão e eficácia. Entretanto, sobram deficiências em vários setores do atendimento.

**IHU On-Line - Considerando que a sociedade brasileira não é mais a mes-**

**“Apenas 25% dos brasileiros têm acesso a serviços privados de saúde. 75% somente contam com o SUS para realizar atenção à saúde: da simples consulta ao transplante de órgãos”**

**ma da época da implantação do SUS, o que deveria fazer parte de uma reforma política e sanitária na proposta inicial do Sistema Único de Saúde?**

**Gastão Wagner** - Em minha opinião, não há necessidade de reformarmos a Constituição em seu capítulo sobre saúde ou mesmo a nossa lei orgânica. Os problemas que experimentamos são decorrentes de falhas na implementação dessa política. A luta entre o interesse clientelista, corporativo, empresarial e o atendimento às necessidades de saúde transferiu-se para dentro do SUS. Há uma tentativa permanente de reapropriação privada do recurso público.

**IHU On-Line - Qual é a sua opinião sobre a integração de especialidades médicas no SUS?**

**Gastão Wagner** - Tenho uma série de estudos e textos sobre o tema. É um assunto complexo. Resumindo: faz-se necessário articular, em rede, o trabalho de generalistas com o dos especialistas tanto na saúde da família quanto em hospitais. O Brasil não formou generalistas, nem vem criando alternativas interessantes para quem optar por este tipo de carreira.

**IHU On-Line - Qual é o papel do movimento da reforma sanitária na construção do SUS que temos hoje?**

**Gastão Wagner** - O Movimento Sanitário teve um papel positivo na reforma que resultou no SUS. Funcionou como intelectual orgânico, trazendo para o Brasil os conceitos, as diretrizes e a experiência positiva e negativa dos sistemas públicos (socializados) de saúde de vários países do mundo. Os ativistas do movimento funcionaram também como tribunos da causa popular contra a perversidade arraigada da elite brasileira, que ameaça “arrancar o revólver” toda vez que alguém menciona a distribuição de renda ou políticas de bem-estar social.

**IHU On-Line - Qual é a contribuição da área da saúde coletiva para as práticas do SUS? Para o senhor, a saúde pública brasileira pode ser vista como um sistema integral em saúde?**

**Gastão Wagner** - O SUS pretende ser um sistema integral e integrado de saúde, pretende articular a saúde pública com a clínica e com toda a assistência. A Saúde Coletiva brasileira meteu-se com tudo na construção do SUS, tanto do ponto de vista político e gerencial quanto ao buscar soluções técnicas para os problemas.

**IHU On-Line - O que significa ser médico do SUS? Quais os maiores desafios e dilemas?**

**Gastão Wagner** - Ser médico do SUS é padecer no paraíso — parafraseando, a sério, Gonçalves Dias.<sup>1</sup> O SUS não apresentou uma política consistente de pessoal, nem para os médicos nem para as outras profissões. O SUS nasceu junto com o auge do discurso neoliberal, que considerava uma heresia, um pecado, tratar com seriedade o tema de carreiras para o serviço público. O SUS é um serviço público, a menos que... A descentralização também colaborou para a cronificação deste problema. A integração dos médicos ao SUS, bem como de outros profissionais, depende de ações e recursos federais e estaduais. Jogar o problema para o âmbito de cada cidade é má-fé.

<sup>1</sup> Antônio Gonçalves Dias (1823-1864): foi um poeta e teatrólogo brasileiro. É autor de, entre outros, *Canção do exílio* (1843), e *Primeiros cantos* (1846). (Nota da IHU On-Line)

## Saúde é direito de todos e dever do Estado: uma questão de consciência sanitária

A Saúde Coletiva e a integralidade são dois conceitos importantes para a construção do SUS, considera Hesio Cordeiro

POR GRAZIELA WOLFART

“**F**altam ações que assegurem a qualidade dos cuidados e a maior flexibilidade da administração pública como um desafio das fundações sendo enfrentado com a superação das resistências corporativas.” Esse é um dilema que o SUS ainda enfrenta, na opinião do professor Hesio Cordeiro, da Universidade Estácio de Sá, em entrevista concedida por e-mail para a **IHU On-Line**. Ao falar sobre a preparação dos futuros médicos pelas universidades, Cordeiro afirma que “há avanços na formação médica, mas a formação geral do médico ainda enfrenta as demandas do mercado e da tecnologia de ponta. Porém, iniciativas como a Estratégia de Saúde da Família oferecem boas perspectivas de mudança”. Hesio de Albuquerque Cordeiro possui graduação em Ciências Médicas e mestrado em Saúde Coletiva, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, e doutorado em Medicina Preventiva, pela Universidade de São Paulo. Foi presidente do Conselho Nacional de Educação de 1966 a 1967 e seu conselheiro até 1968, e do INAMPS/MPAS, no período 1985 a 03/1988, além de ter sido reitor da UERJ entre 1992 a 1995. Foi também diretor do curso de Medicina da Universidade Estácio de Sá, de 2002 a 2006. Atualmente, é coordenador do mestrado profissional desta Universidade e coordenador de saúde da Fundação Cesgranrio. Tem ênfase em gestão em Saúde Coletiva, atuando principalmente nos seguintes temas: atenção básica, educação médica, saúde da família, atenção primária de saúde e sistema único de saúde.

**IHU On-Line - Para o senhor, o Sistema Único de Saúde brasileiro pode ser enquadrado dentro da perspectiva de saúde coletiva e de integralidade em saúde?**

**Hesio Cordeiro -** Sim, a Saúde Coletiva e a integralidade são dois conceitos importantes para a construção do SUS, embora não se possa assegurar que o sistema esteja concluído. A integralidade pode ser definida como continuidade dos cuidados, como promoção, prevenção, diagnóstico precoce, tratamento, recuperação e reabilitação, também como níveis de atenção a um dado paciente ou como abordagem integral —psicológica, social, biológica.

**IHU On-Line - O senhor foi presidente do INAMPS na época da implantação do SUS. Como foi essa transição e como o senhor avalia o desempenho e a evolução do SUS nesses 20 anos? Ele atingiu as expectativas da época?**

**Hesio Cordeiro -** A implantação do SUS enfrentou a transição das Ações Integradas em Saúde (AIS). Para o Sistema Unificado e Descentralizado de Saúde (SUDS). A Lei Orgânica e depois as NOBs (Normas Operacionais Básicas) foram avançando na normatização e a Emenda Constitucional número 29 e sua regulamentação, recentemente aprovada, foram etapas importantes. Faltam ações que assegurem a qualida-

de dos cuidados e a maior flexibilidade da administração pública como um desafio das fundações sendo enfrentado com a superação das resistências corporativas.

**IHU On-Line - Como os futuros médicos são preparados pelas universidades em relação ao mercado de trabalho no trato com a saúde pública?**

**Hesio Cordeiro -** Há avanços na formação médica, mas a formação geral do médico ainda enfrenta as demandas do mercado e da tecnologia de ponta. Porém, iniciativas como a estratégia de Saúde da Família oferecem boas perspectivas de mudança.

“A medicina preventiva necessariamente precisa fazer parte das ações do SUS a partir do conceito de integralidade”

**IHU On-Line - Como o senhor avalia a questão da sustentabilidade do SUS? O que pensa do retorno da CPMF para financiar as políticas de saúde pública?**

**Hesio Cordeiro** - A sustentabilidade política parece-me consolidada. A financeira ainda não reflete a prioridade da saúde. O Congresso prepara-se para discutir uma nova proposta equivalente à da CPMF. Importante assegurar que a adição de recursos não gere desvios para outras finalidades, como ocorreu anteriormente.

**IHU On-Line - Em que medida a medicina preventiva é contemplada pelo SUS?**

**Hesio Cordeiro** - A medicina preventiva necessariamente precisa fazer parte das ações do SUS a partir do conceito de integralidade.

**IHU On-Line - Qual é a sua opinião sobre os cuidados com a saúde da família gerenciados pelo SUS?**

**Hesio Cordeiro** - A saúde da família faz parte de uma estratégia de cuidados primários resolutivos que deve se consolidar tanto nas comunidades quanto nos ambulatórios e hospitais, envolvendo práticas multidisciplinares. Pretende-se atingir pelo menos 40 mil equipes, assegurando-se a referência e contra-referência e incorporando-se tecnologias resolutivas e adequadas a esta prática.

**IHU On-Line - O que o senhor destaca como mais importante na luta pela reforma sanitária e que angariou vitórias para a saúde brasileira que podemos usufruir até hoje?**

**Hesio Cordeiro** - O mais importante foi a consciência sanitária de que a saúde é direito de todos e dever do Estado.

## “Ruim com SUS, pior, mas muito pior, sem ele”

Para Moacyr Scliar, saúde pública depende fundamentalmente da mobilização comunitária

POR GRAZIELA WOLFART

**E**le é médico e escritor. Sabe usar as palavras para expressar o que sente e pensa. E é dessa forma que Moacyr Scliar define a saúde pública no Brasil: “O SUS ensina, sobretudo, sobre a realidade de nosso país, uma realidade cruel, mas que não raro mostra as pessoas lutando por sua saúde com uma energia admirável”. Na entrevista que concedeu por e-mail à **IHU On-Line** e que foi complementada por telefone, Scliar fala sobre os benefícios e os problemas do Sistema Único de Saúde. No entanto, acredita que, “no balanço final, os benefícios do SUS ultrapassam em muito, mas em muito mesmo, as suas carências”.

Moacyr Jaime Scliar é um dos mais conhecidos escritores brasileiros da atualidade. Formado em Medicina, trabalha como médico especialista em saúde pública. Em 1963, iniciou sua vida como médico, fazendo residência em clínica médica. Especializou-se no campo da saúde pública como médico sanitário. Iniciou os trabalhos nessa área em 1969. Em 1970, frequentou curso de pós-graduação em medicina em Israel. Posteriormente, tornou-se doutor em Ciências pela Escola Nacional de Saúde Pública. Já foi professor na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA). Scliar publicou mais de setenta livros, entre crônicas, contos, ensaios, romances e literatura infanto-juvenil. Citamos *Do mágico ao social: a trajetória da saúde pública* (Porto Alegre: L&PM, 1987; São Paulo: Senac, 2002) e *Cenas médicas* (Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1988/Artes & Ofícios, 2002). É o sétimo ocupante da cadeira nº 31 da Academia Brasileira de Letras.

**IHU On-Line - O que sua experiência como médico do SUS mais lhe ensinou sobre a vida, a saúde e a doença humana, e em especial sobre a realidade social brasileira?**

**Moacyr Scliar** - Toda prática médica ensina muito sobre a vida porque, quando estão doentes, as pessoas se revelam tais como são, ou seja, as máscaras caem. Mas acho que o SUS ensina, sobretudo, sobre a realidade de nosso país, uma realidade cruel, mas que não raro mostra as pessoas

lutando por sua saúde com uma energia admirável.

**IHU On-Line - Qual é a sua avaliação, de modo geral, sobre o Sistema Único de Saúde Brasileiro, principalmente se comparado aos sistemas de saúde pública de outros países?**

**Moacyr Scliar** - É o sistema de um país pobre, portanto tem muitas carências. Mas é mais igualitário que o sistema americano, por exemplo,



DIVULGAÇÃO

que usa alta tecnologia, mas deixa milhões de pessoas sem qualquer assistência. Ruim com SUS, pior, mas muito pior, sem ele.

**IHU On-Line - Em que sentido a questão da solidariedade e da preocupação social aparece com mais força na trajetória da saúde pública brasileira?**

**Moacyr Scliar** - Saúde pública depende fundamentalmente disso, da mobilização comunitária. Como vacinar, como fazer exames preventivos, como lutar contra epidemias sem a colaboração das pessoas? Devo dizer que solidariedade é um dever moral, não é uma regra ou norma. Não há como expressar isso de uma forma prática. O que se espera é que realmente as pessoas sejam solidárias, que se ajudem mutuamente e que participem, em conjunto, nas atividades de saúde pública. O SUS tem vários princípios. Em primeiro lugar, está a universalidade, ou seja, todo mundo tem direito ao SUS, independente de classe social, lugar de residência etc. E a Constituição de 1988 garante a todos o direito à saúde. A grande questão é que saúde custa dinheiro. E hoje estamos discutindo isso. Só que esse problema não aparece apenas na área pública. O seguro privado também custa caro e o custo dele sobe constantemente. A inflação na área da saúde é maior do que a inflação da economia em geral.

**IHU On-Line - Quais são as origens e influências da concepção de saúde pública que temos no Brasil hoje?**

**Moacyr Scliar** - São muitas as fontes, mas eu destacaria, sobretudo, a Constituição de 1988, com seu abrangente conceito de saúde (direito de todos e dever do Estado) e as conferências nacionais de saúde. O SUS segue um modelo que não é originariamente brasileiro. Na verdade, a idéia de um sistema público e nacional de saúde surgiu na Inglaterra, no final da Segunda Guerra Mundial, quando depois de todos os sacrifícios pelos quais os ingleses passaram, depois de todos os bombardeios, o governo resolveu, de alguma forma, compensá-los, criando um sistema de saúde que atenderia todas as pessoas do berço ao túmulo. E esse sistema, que era financiado por verba federal, se baseava não em postos de saúde, mas no atendimento

**“Hoje em dia, administrar a saúde é uma especialidade. Há uma técnica envolvida, portanto não bastam boas intenções”**

do médico geral. Ou seja, os médicos atendiam os pacientes, encaminhavam para os hospitais, pediam exames etc. Esse sistema funcionou muito bem. Ao longo dos anos, ele foi mais de uma vez criticado, sobretudo no governo da Margaret Thatcher, mas o fato de que está aí há mais de 60 anos mostra que ele realmente cumpre um papel importante. Outro sistema baseado no sistema inglês é o canadense, que também é muito parecido com esse e funciona muito bem, embora haja críticas igualmente. Mas quando se compara, por exemplo, o sistema de saúde canadense com o americano, é evidente que o sistema de saúde do Canadá é muito melhor. Finalmente, temos o sistema cubano. Lá é só público. Não há sistema privado, a não ser para os turistas. É um sistema que funciona bem, ainda que seja o sistema de um país muito pobre e, por isso, com muitas carências. Falta muita coisa lá em termos de exames, de medicamentos, de procedimentos. Mas um mínimo de saúde toda a população cubana tem assegurada.

**IHU On-Line - Na sua opinião, em que sentido o SUS ainda precisa avançar?**

**Moacyr Scliar** - Basicamente ampliando a gama de serviços oferecidos, corrigindo as distorções e melhorando a gestão. Hoje em dia, administrar a saúde é uma especialidade. As pessoas precisam conhecer muito bem. Há uma técnica envolvida, portanto não bastam boas intenções. Precisamos de administradores treinados, com conhecimento das técnicas administrativas. Porque não é só fazer comício, é realmente examinar problemas e propor soluções. Quando o SUS surgiu era muito mais uma bandeira, uma causa. Mas precisamos colocar isso

na realidade e aí as pessoas precisam ter experiência. O SUS tem problemas. A questão do pagamento é um deles. Os hospitais e os profissionais se queixam muito e realmente se paga muito pouco. Em parte, porque o país é pobre mesmo. Mas também é uma questão de prioridade. Existem coisas que gastam muito dinheiro e beneficiam poucas pessoas. Então, hierarquizar melhor os procedimentos também seria uma coisa boa. Mas o que eu quero dizer é que, no balanço final, os benefícios do SUS ultrapassam em muito, mas em muito mesmo, as carências.

**IHU On-Line - Há diferenças regionais no Brasil em relação às práticas médicas do SUS?**

**Moacyr Scliar** - Certamente. Norte e Nordeste sempre foram regiões com grande carência de recursos. Mas estas diferenças estão diminuindo. No entanto, há vários tipos de diferenças. A começar pelas doenças. No Norte e no Nordeste, existem doenças que não há aqui no Rio Grande do Sul. E vice-versa. Em segundo lugar, há diferenças culturais. Aqui, no Rio Grande do Sul o nível de alfabetização é melhor, as pessoas são mais informadas e isso ajuda a saúde. Depois, temos a capacidade de instalação, o número de profissionais da saúde é muito maior no Sul e no Sudeste do que no Norte e no Nordeste. E as distâncias também são enormes. Na Amazônia, às vezes, para atender um paciente, é preciso viajar três dias de barco.

**IHU On-Line - Para o senhor, qual é a principal contribuição de Sergio Arouca para a saúde pública brasileira?**

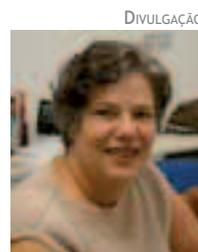
**Moacyr Scliar** - Conheci pessoalmente o Arouca, que era não só um grande médico de saúde pública, mas também uma pessoa extraordinária, um lutador, um homem que tinha ideais, que se esforçava por eles e que mostrou em vários lugares a disposição de brigar por uma saúde pública melhor no Brasil. Foi particularmente importante a gestão dele na Fundação Oswaldo Cruz; ele, afinal, a ampliou enormemente. Hoje, a Fundação é um órgão importante na conjuntura de saúde do Brasil graças, em grande parte, ao trabalho do Arouca.

## SUS: um sistema de saúde completamente inovador

Sarah Escorel afirma que todos os brasileiros são atendidos pelo SUS, mas reconhece que nem sempre isso acontece exatamente na hora em que precisam

POR GRAZIELA WOLFART

**E**m entrevista concedida por telefone à IHU On-Line, a professora e pesquisadora Sarah Escorel, da Fundação Oswaldo Cruz, do Rio de Janeiro, analisa o Sistema Único de Saúde brasileiro a partir de uma perspectiva histórica. Para ela, a descentralização e a participação social são características importantes do SUS. Sarah é viúva de Sergio Arouca, grande nome na área da saúde pública brasileira. Ela falou sobre a contribuição dele para este campo e sobre o que de mais significativo guarda do convívio com ele. Sarah Maria Escorel de Moraes possui graduação em Medicina, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, mestrado em Saúde Pública, pela Fundação Oswaldo Cruz, e doutorado em Sociologia, pela Universidade de Brasília. Atualmente, é pesquisadora titular da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca da Fundação Oswaldo Cruz. Tem experiência na área de saúde coletiva, com ênfase em políticas de saúde, atuando principalmente nos seguintes temas: exclusão social, atenção básica, sistema único de saúde e reforma sanitária. Confira a entrevista:



**IHU On-Line - Como a senhora avalia as políticas públicas na área da saúde no Brasil hoje, considerando as epidemias de dengue e febre amarela?**

**Sarah Escorel** - Quando você faz a pergunta já situando a dengue e a febre amarela, me faz supor uma resposta de que a avaliação seja negativa, já que realmente temos uma epidemia de dengue, principalmente aqui no Rio de Janeiro. Mas acredito que possamos fazer uma avaliação mais geral do que o SUS e as políticas públicas em saúde têm de diferente daquelas que marcaram os períodos antes da Constituição de 1988. O primeiro fator é que a saúde não era um direito de todos e nem um dever do Estado. Tinha acesso à assistência médica apenas o trabalhador com carteira formal. Aquele que não tinha um emprego regular ou era atendido pelas santas casas ou hospitais filantrópicos, fora as campanhas de saúde pública, ou precisava ir ao mercado de serviços de saúde pagando do próprio bolso para conseguir sua assistência. Essa situação se transfor-

mou bastante. Nem todas as pessoas têm acesso ao médico, mas houve uma expansão de cobertura e a garantia do direito à saúde. Essa é uma transformação enorme. A própria conformação do sistema com a Constituição, que juntou o setor de assistência médica da previdência social (o antigo INAMPS) com o Ministério da Saúde, criando um órgão unificado, que faz as normas, regulamenta, avalia e acompanha a implementação, também é algo extraordinário, comparado com o período anterior, quando existia, como Eugênio Vilaça<sup>1</sup> mencionou, um verdadeiro Tratado de Tordesilhas na área de saúde.

### **Descentralização e participação social**

Outro aspecto fundamental e diferente é a descentralização. Antes, se tinha um sistema extremamente centralizado e tudo era decidido a nível

federal. Agora, temos uma municipalização em alguns aspectos até exagerada, porque deixou de constituir sistemas regionais, mas se tornou em algo muito mais próximo do cidadão que será atendido e, portanto, é um formato muito mais benéfico. E a última característica que gostaria de destacar é o sistema de participação social, que está vinculado às políticas públicas em saúde. Aqui, falo da formação de conselhos de saúde e das conferências de saúde. Essas características configuram um sistema totalmente diferente e completamente inovador em termos de Brasil e mesmo comparando com outros países do mundo que não contam com essa instância de participação social ou mesmo com esse processo de descentralização. É um sistema muito jovem, tem 20 anos, ainda não alcançou sua maioridade. E foi implementado num período muito difícil, porque na década de 1990 houve uma série de políticas de ordem econômica, de orientações de nossos credores internacionais, no sentido de diminui-

<sup>1</sup> Confira, nesta edição, uma entrevista com Eugênio Vilaça. (Nota da IHU On-Line)

ção do gasto público, de diminuição do Estado e da responsabilidade estatal. Trata-se de um sistema constituído a partir de uma herança que devia ser superada num momento em que não foram feitos investimentos necessários para essa superação.

#### **Febre amarela: epidemia midiática**

Muitas coisas ficaram fragmentadas, remendadas e não foram transformadas conforme o projeto da reforma sanitária que deu origem ao SUS. Ao mesmo tempo em que se constituiu um sistema com aspectos extraordinários, como, por exemplo, a realização de transplantes e o acesso à possibilidade de fazer transplantes para uma camada da população que antes não existiam, esse mesmo sistema tem aspectos ineficientes, como aconteceu com a epidemia de dengue. Aqui, eu gostaria de fazer uma distinção em relação à febre amarela. Nós não tivemos uma epidemia de febre amarela. Tivemos, sim, uma epidemia midiática de febre amarela, que levou pânico às pessoas, que morreram não dessa doença, mas de supervacinação, em razão do medo. O número de casos e a localização da febre amarela estão exatamente iguais ao ano passado. O que não aconteceu com a dengue. Nesse caso, realmente tivemos uma epidemia, que foi mais forte no Rio de Janeiro, mas a tendência é de que vá se espalhar pelo resto do país. O desastre que tivemos no Rio no início deste ano vai para o Nordeste, para o Norte e pode causar o mesmo que causou aqui, ou seja, uma alta letalidade, principalmente em crianças.

#### **IHU On-Line - Todos os brasileiros são, na prática, atendidos pelo SUS? Não há nenhum tipo de exclusão social nesse sentido, por exemplo, com moradores de rua?**

**Sarah Scorel** - Todos os brasileiros são atendidos pelo SUS, que oferece mais do que atenção médica. Se pensarmos em todo esquema de vacinação, nos postos, aeroportos e fronteiras, em todo o controle sanitário e de qualidade dos produtos que ingerimos, ele está dentro do SUS. Nesse sentido, todos são atendidos por ele. Em relação à assistência médica especificamente, ou seja, as consultas, temos realmente um grupo que não vai

## **“Tivemos, sim, uma epidemia midiática de febre amarela, que levou pânico às pessoas, que morreram não dessa doença, mas de supervacinação, em razão do medo”**

ao SUS, que ou paga do próprio bolso ou tem um seguro saúde, pago por ele ou pela empresa onde trabalha, só indo ao SUS em casos de alta complexidade. O Instituto Nacional do Câncer, no Rio de Janeiro, é um local onde se encontram pessoas que têm seu seguro saúde. Nos hospitais de emergência, por sua vez, se encontram pessoas que têm seu seguro saúde, mas estão em uma situação na qual a rede privada não dá conta ou que a rede pública tem mais experiência e maior qualidade. Então, não há nenhuma barreira de acesso; pelo contrário: as pessoas têm direito a isso. No entanto, há algumas dificuldades, pois faltam profissionais de saúde e equipamentos que explicam a espera de um ano ou mais em uma fila para fazer um determinado exame, por exemplo. Se na prática eles são atendidos? Sim, mas nem sempre exatamente na hora em que precisam. Mas não há nenhum tipo de discriminação. E, sobre os moradores de rua, há localidades que oferecem programas de saúde específicos para eles, como o controle da tuberculose entre os que moram na rua.

#### **IHU On-Line - Em que as principais mudanças sociais e políticas brasileiras (como a Ditadura Militar e o aumento da classe operária) influenciaram na questão da saúde pública?**

**Sarah Scorel** - A origem de todas as políticas sociais do mundo está relacionada com o aumento da classe operária, suas lutas e reivindicações. No Brasil, temos a lei que constitui a previdência social e está relacionada com o aumento da classe operária em São Paulo, que

era o estado mais industrializado. Essa primazia e centralidade da classe operária nas políticas sociais foi algo muito forte até a Segunda Guerra Mundial e depois começou a se diluir, porque a própria economia se diversificou e não teve mais um segmento específico dos trabalhadores que adquiriram essa preponderância. O conflito marxista entre classe operária e burguesia deixou de ser o motor da revolução. Em relação à Ditadura Militar no Brasil, podemos afirmar que toda a espera da reforma sanitária e toda a construção de um tratamento teórico de transformação da abordagem dos problemas de saúde aconteceram durante a Ditadura Militar. A própria constituição do movimento da reforma sanitária também aconteceu durante a Ditadura Militar. Por um lado, temos a ditadura usando a política de saúde como forma de se legitimar. E os períodos mais autoritários, em que os direitos civis e políticos foram cerceados, são também os momentos em que os direitos sociais foram ampliados. Pode parecer um paradoxo, mas não é, porque essa era a necessidade da ditadura se legitimar. No entanto, houve um efeito muito positivo em termos do movimento da reforma sanitária, que foi sua unificação contra o inimigo comum, a ditadura. Então, depois, com a democratização e com a constituição de partidos e de outros movimentos, houve uma fragmentação desse movimento da reforma sanitária, em função dos vários interesses de pessoas, com disputas internas pelas diferenças de opiniões. Durante a ditadura, diante da falta de liberdade democrática, houve uma união e foi possível construir um projeto comum. Podemos dizer que, nesse sentido, indiretamente, a ditadura “beneficiou” o projeto. Embora seja difícil dizer que a ditadura beneficie qualquer coisa.

#### **IHU On-Line - Em seu convívio com Sergio Arouca, o que mais aprendeu sobre a preocupação com a saúde pública e sobre sua luta pelo movimento do SUS?**

**Sarah Scorel** - O que eu guardo do meu convívio com o Sergio, com mais carinho, são as nossas filhas. Tivemos três filhas em comum e há todo esse lado da minha vida pessoal com ele que foi mais importante. No entanto,

no que pude acompanhar da luta pela saúde pública, Sergio sempre foi uma pessoa extremamente politizada, militante. Ele entrou no Partido Comunista com 15 anos de idade e ficou até esse partido se transformar em PPS.<sup>2</sup> Sergio morreu sendo membro do PPS. No entanto, era na área da saúde que ele exercia essa política da melhor maneira. Ele tinha uma capacidade muito grande de aglutinar as pessoas e de lembrar constantemente o que seria responsabilidade pública na área da saúde. Ele via a saúde não como uma relação entre alguém superior em conhecimento e uma outra pessoa em situação inferior, de sofrimento. Ele via, sim, a saúde como uma área política, de relações sociais, onde exercia essa militância com mais prazer. Todo o movimento da reforma sanitária teve no Sergio não só uma grande liderança, mas um ideólogo, uma pessoa que pensava o momento, traçava estratégias, sempre com muito bom humor. Ele era profundamente desorganizado, e estava sempre em paz, enlouquecendo todo mundo em volta, porque estava tranqüilo. Trabalhar com ele era muito divertido. E a luta dele era difícil, tinha muitos problemas. No entanto, ele fazia disso um lugar de encontro, de amizade, de prazer de estar ajudando a mudar o país, pois era o seu ideal construir um Brasil mais justo.

#### PARA SABER MAIS...

Sergio Arouca, juntamente com outros sanitaristas, ajudou a dar forma ao Sistema Único de Saúde (SUS). Ele formou-se em medicina pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

**2 Partido Popular Socialista (PPS):** criado em 1922, sob o nome de Partido Comunista Brasileiro (PCB). Surgiu como consequência natural da formação do proletariado e do desenvolvimento de suas lutas no Brasil, iniciadas na segunda metade do século XIX. Sua fundação respondeu a uma exigência do movimento operário que já mostrara a carência de um partido político operário revolucionário. Seu objetivo era atuar como organização política do proletariado e também lutar e agir pela compreensão mútua internacional dos trabalhadores. (Nota da IHU On-Line)

## “Precisamos conseguir implantar o SUS efetivamente antes de pensar em reformá-lo”

Sônia Fleury Teixeira destaca que o SUS é e deve ser uma política de Estado, independente da boa vontade de qualquer governo

POR GRAZIELA WOLFART

**A**o falar sobre as raízes que deram origem ao Sistema Único de Saúde brasileiro, a professora Sônia Fleury Teixeira, da Fundação Getúlio Vargas, do Rio de Janeiro, lembra a importância da reforma sanitária. Em entrevista concedida por telefone para a IHU On-Line, ela declara que “o SUS espelha as contradições entre um projeto publicista da reforma sanitária e a necessidade de ser compatível com uma realidade na qual o setor público não tinha nem a maior capacidade técnica nem o maior número de camas”. Para ela, “o SUS representa uma proposta da reforma sanitária adaptada às contingências vividas desde sua criação”.

Sônia Maria Fleury Teixeira possui graduação em Psicologia, pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), especialização em Medicina Social, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), e mestrado em Sociologia e doutorado em Ciência Política, pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro. Atualmente, é professora titular da Fundação Getúlio Vargas, da Universidade Federal Fluminense, da Universidad San Andrés e da Universidad Nacional de Lanus, além de membro do Governo do Distrito Federal, da Comissão Nacional sobre Determinantes Sociais e do Centro Brasileiro de Estudos de Saúde.

**IHU On-Line - A senhora considera que o SUS e a preocupação com a saúde pública sejam prioridades nos governos estadual e federal?**

**Sônia Fleury Teixeira** - Em alguns governos sim, mas não em outros. É uma resposta que não ajuda muito, mas, independente da vontade do governante, o que nós tentávamos fazer, ao construir o SUS, é que ele não dependesse da vontade, que não fosse uma política de governo, mas de Estado. Ou seja, todos governantes são obrigados a cumprir a determinação em relação a quantos recursos precisam colocar em prática. A saúde, a meu ver, definitivamente

não deve ser pensada como uma política de governo, mas de Estado. Essa é a nossa expectativa. Independente se o governo gostou ou não gostou de ter SUS, ele precisa cumprir com sua determinação. Desde que o SUS foi criado, há 20 anos, vários governos foram anti-SUS, mas sua política teve de seguir as diretrizes do Sistema.

**IHU On-Line - Quais são as maiores influências e heranças da reforma sanitária para o SUS?**

**Sônia Fleury Teixeira** - O SUS é um projeto da reforma sanitária. O documento-base da reforma trata da

questão democrática na saúde e foi publicado há 30 anos. Estamos comemorando 20 anos do SUS e 30 anos do documento da questão democrática em saúde, que deu origem ao SUS. Então, o projeto da reforma sanitária incluía definir-se por um sistema público e único de saúde. No entanto, o SUS é uma construção que deve ser negociada, porque a sua implementação se deu dentro de um contexto econômica e ideologicamente desfavorável, quando predominou a ideologia liberal nos governos. Então, o SUS não é só a proposta da reforma sanitária. Ele é muito menor do que a própria reforma, que pensava em outras questões além da atenção à saúde, que via na saúde um projeto civilizatório, um projeto de sociedade. A reforma sanitária pensa a saúde como um projeto de sociedade solidária, que seja capaz de ser generosa. E o SUS espelha isso, mas também as dificuldades que foram encontradas, porque não é fácil se desenhar um projeto de reforma sanitária e criar um sistema único e público de saúde. Mas viemos de uma situação na qual 70% dos leitos hospitalares já eram privados. Então, o SUS espelha essas contradições entre um projeto publicista da reforma sanitária e a necessidade de ser compatível com uma realidade na qual o setor público não tinha nem a maior capacidade técnica nem o maior número de camas. O SUS representa uma proposta da reforma sanitária adaptada às contingências vividas desde sua criação.

**IHU On-Line - Quais são as questões de sustentabilidade que estão envolvidas na manutenção do Sistema Único de Saúde no Brasil?**

**Sônia Fleury Teixeira** - Essa é uma questão fundamental e que está sendo votada, que é como se financia a saúde pública. É muito impressionante que vinte anos depois de constituído o SUS, aprovado e inclusive implantado, ainda se esteja discutindo como financiá-lo. A outra questão de sustentabilidade é política. Ao contrário do outro aspecto, o SUS tem demonstrado uma enorme capacidade nesse sentido. Há um conjunto de atores políticos envolvidos com o SUS, além de um sistema

## “Vivemos um sistema eleitoral democrático no Brasil há 25 anos, mas não em uma democracia substantiva e isso em qualquer área, não só na saúde”

de governança interna, com os conselhos, que asseguram a sua sustentabilidade. Do ponto de vista da reforma sanitária, a sustentabilidade não depende só de financiamento, mas de um projeto político, com um sujeito político. Na medida em que se institucionalizou demasiado o SUS, essa proposta vai perdendo força na sociedade. É preciso fortalecer novamente a subjetividade, pois o sujeito político é o motor da reforma sanitária.

**IHU On-Line - Qual é a importância da academia nas pesquisas e na atuação prática na área da saúde pública brasileira?**

**Sônia Fleury Teixeira** - É muito importante. Esse projeto da reforma sanitária é político, assistencial, mas é também um projeto de construção de um campo do conhecimento. E, nesse sentido, a produção do conhecimento nos meios de pesquisa é crucial, bem como a formação de recursos humanos. Mas há que se compatibilizar essa idéia de ser um projeto acadêmico com a idéia de um projeto político, porque caso contrário entramos apenas no viés acadêmico e perdemos a dimensão política. Passaremos a ser regidos pelas normas da Capes, pelo controle de produtividade, pela quantidade de artigos publicados, e quantos foram em revista estrangeira. Corre-se o risco de perder o contato com a “realidade” para saber se esse conhecimento está sendo transmitido para a população que mais precisa. O conhecimento acadêmico é fundamental; do contrário, não criamos nada original, não avançamos. Por outro lado, precisamos sempre nos perguntar para que estamos pesquisando. Com certeza, para ir além de publicar um artigo e ganhar não sei quantos pontos no Currículo Lattes. O objetivo é a transformação da realidade brasileira.

**IHU On-Line - A senhora considera que, em termos de saúde pública, vivemos em uma democracia no Brasil?**

**Sônia Fleury Teixeira** - Nós vivemos um sistema eleitoral democrático no Brasil há 25 anos, mas não em uma democracia substantiva e isso em qualquer área, não só na saúde, nem na saúde pública, mas em geral. Os indicadores de saúde refletem a enorme desigualdade da sociedade brasileira. Nossa taxa de fecundidade está caindo enormemente, num ritmo impressionante, mas, se separarmos isso por salário mínimo, perceberemos que entre os pobres continua um número enorme de filhos. Todas as doenças que atacam a pobreza continuam fortemente. A tuberculose, por exemplo, voltou com muita força. Há, também, a febre amarela, a lepra etc. Mas essa não é uma particularidade da área da saúde, e sim da sociedade brasileira, que é perversa, desigual e excludente. Ao criar um sistema único, a saúde contribui para repensar em que medida essa sociedade deveria ser mais igualitária, com benefícios para todos. No entanto, não será apenas a saúde que irá transformar a sociedade e fazer dela uma sociedade democrática.

**IHU On-Line - Considerando sua implantação com a Constituição de 1988, o SUS não precisaria de uma reciclagem? O que faria parte desta renovação em função das mudanças ocorridas em nossa sociedade nesses últimos 20 anos?**

**Sônia Fleury Teixeira** - O Sistema tem um mecanismo para se atualizar diante das mudanças da sociedade, como o envelhecimento da população, as mudanças na questão de gênero e uma série de outras coisas que afetam os vários setores sociais. Mas não acho que precise uma reforma da reforma para isso. O que precisamos, e até hoje não conseguimos, foi implantar a

**“Os indicadores de saúde  
refletem a enorme  
desigualdade da  
sociedade brasileira”**

reforma sanitária tal como ela foi pensada. Precisamos conseguir implantar o SUS efetivamente antes de pensar em reformá-lo.

**IHU On-Line - Qual é a sua avaliação sobre a participação da sociedade civil nas ações e no controle do SUS?**

**Sônia Fleury Teixeira** - Houve um avanço grande nesse sentido. O SUS é um modelo de um novo pacto federativo. É claro que isso enfrenta as mesmas dificuldades da sociedade brasileira em geral. Há lugares em que os conselhos funcionam muito bem. Há outros que não funcionam e há aqueles muitos que são dominados por interesses particulares e corporativos. É preciso, o tempo todo, estar rediscutindo e reciclando essas formas de participação.

**IHU On-Line - Como a senhora vê o profissional da saúde pública hoje no Brasil? Como definir esse profissional que muitas vezes precisa enfrentar problemas de pagamento e de severas deficiências de estrutura para trabalhar? Qual é a identidade do médico sanitário?**

**Sônia Fleury Teixeira** - Os profissionais da área da saúde, em geral, deveriam ser conquistados pelo “espírito” da reforma sanitária. É preciso rever essa cultura dos últimos anos, que acabou com o estímulo para o trabalho no setor público. Essa cultura dos anos 1990 dilapidou o Estado e deixou conseqüências muito grandes na forma de pensar dos profissionais. Mesmo assim, o profissional da saúde pública ainda mantém essa devoção, de trabalhar em prol do bem público, na defesa do Estado e da cidadania. Portanto, ele deve ser supervalorizado.

## **Saúde é um direito do cidadão e um dever do Estado**

Para Paulo Gadelha, que faz um relato da história do SUS, a evolução da saúde pública caminha pela consolidação de uma ciência experimental

POR GRAZIELA WOLFART E MOISÉS SBARDELOTTO

**A**o contar a evolução histórica que deu origem ao SUS e avaliar o período de 20 anos de funcionamento do Sistema Único de Saúde brasileiro, o médico e pesquisador Paulo Gadelha declara: “A experiência desse período de pouco mais de duas décadas produziu um sistema com grandes desafios ainda, com óbvias lacunas e situações a serem superadas, mas talvez um dos sistemas, no caso do Brasil, das Américas e dos países em desenvolvimento, com uma das experiências mais ricas para se apresentar em portfólio”. Em entrevista concedida por telefone à **IHU On-Line**, Gadelha explica sua avaliação: “Ele significou uma das maiores reformas já existentes no Estado brasileiro e também é um sistema que, hoje, pelas estatísticas e, pelo que produz, provoca, em nível internacional, um espanto, por tudo o que realiza através desse caráter inclusivo”.

Pesquisador titular da Fiocruz, Paulo Ernani Gadelha Vieira é graduado em Medicina, pela Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), fez residência em Psiquiatria no Hospital Universitário Pedro Ernesto e especialização em Medicina do Trabalho também na UERJ. É mestre em Medicina Social, pela UERJ, e doutor em Saúde Pública, pela Escola Nacional de Saúde Pública (Ensp). Gadelha também foi o responsável pela criação da Casa de Oswaldo Cruz (COC), unidade técnico-científica da Fiocruz, tendo sido seu diretor de 1985 a 1997. Tem vasta experiência na área de pesquisa e docência, como auxiliar de pesquisa e docente do Programa de Pós-Graduação do Instituto de Medicina Social da UERJ, com concentração nos temas de fundamentos da saúde coletiva e de constituição dos modelos de assistência médica e saúde pública. Desde 2001, é membro da Comissão Intersetorial de Ciência e Tecnologia do Conselho Nacional de Saúde.

**IHU On-Line - O senhor pode fazer um breve relato dos principais pontos da história da saúde pública no Brasil? Qual o papel e a importância do SUS nessa trajetória?**

**Paulo Gadelha** - Pegando um corte mais relativo ao século passado, a constituição da saúde pública, do ponto de vista da sua modernidade,

acontece no início do século, com Oswaldo Cruz, quando a visão do trabalho experimental e científico passa a presidir as intervenções na área da saúde pública. É dessa época a aplicação dos princípios da medicina pasteuriana, dos princípios da teoria dos germes e da causalidade, que eram realizados a partir de pro-

blemas identificados no campo da área social, mas tinham um processo de experimentação para dar suporte a essas intervenções. Essa dinâmica entre laboratório e ação/intervenção urbana e social é o que marca a constituição da saúde pública moderna. No caso brasileiro, isso se deu também pela coincidência de personagens (Oswaldo Cruz era o diretor do Instituto com o nome dele, como também era diretor da Diretoria Geral de Higiene e Saúde Pública). É preciso entender que essa evolução da saúde pública caminha, em primeiro lugar, pela consolidação de uma ciência experimental. Em segundo lugar, ela passa pela mobilização social dos cientistas, sanitaristas e também envolve vários outros setores sociais. E aí acontece um grande movimento na época, no sentido de compreender o Brasil e as causas das doenças e ampliar a intervenção do Estado no sentido da saúde. Isso foi muito significativo, porque, também através do Instituto Oswaldo Cruz da época, foram feitas viagens ao interior do Brasil, quando se revelou o quadro de doenças e as características do chamado Sertões do Brasil, que eram toda essa área excluída do que se considerava o cerne da presença da civilização inicial portuguesa: a costa e as metrópoles.

**IHU On-Line - Quais são os fatos que o senhor gostaria de destacar no processo de construção do SUS?**

**Paulo Gadelha** - Esses momentos da saúde pública que mencionei vão crescendo e, no Brasil, eles se acontecem por um processo de agregação. É criado um sistema misto de campanhas escalizadas, o Sistema Nacional de Malária e o da Peste. Vão sendo criados outros modelos, que vinham tentando dar conta de uma visão mais horizontalizada, através do Serviço Essencial de Saúde Pública, com a tentativa de modelagem de centros de saúde, com uma concepção e interfaces mais locais dos problemas básicos da saúde, sem a idéia de fragmentação e desvinculação das campanhas. Esses dois sistemas vão sendo agregados e constituem os dois pilares do processo que dá origem à antiga Sucam (Superintendência de Campanhas) e à Fun-

ção Cesp. Esse processo está ainda num campo da saúde desvinculado da atenção hospitalar e de saúde mais ampla que vai se conformando dentro do sistema previdenciário, que era o antigo Inamps, e que será representativo disso, ou então de outras estruturas privadas, cooperativas etc. Então, durante muito tempo, na saúde, havia uma separação institucional, de políticas e de recursos, entre o que era a essência médica, que estava vinculada à previdência (os Institutos de Aposentadoria e Pensões e os hospitais mais importantes vinham dessa área), e a atenção aos indigentes. Esta ocorria

**“Tratar de maneira diferente aquilo que é diferente, no sentido de produzir efeitos que levem a uma equidade no campo da saúde social, passou a ser um tema muito importante no campo do SUS”**

através ou da filantropia, ou de estruturas de suporte mais previdenciário, ou então através de ajuda mútua, das beneficências. Esses dois sistemas, que eram totalmente partidos, seriam unificados posteriormente, no momento da democratização do país, quando se faz a fusão do componente essencial que estava na previdência e o campo da saúde pública. Essas duas estruturas se fundem, e começa-se a trabalhar de maneira mais integrada a concepção de um sistema integral que via tanto as ações típicas de campanhas (vacinações, ação de vigilância sanitária) quanto aquelas ações que dizem

respeito à atenção à saúde, no sentido da assistência médico-hospitalar e atenção básica. É por esse conjunto de ações e de processos cumulativos que vai sendo constituída a visão do que resulta no SUS.

**IHU On-Line - Quais são as principais novidades surgidas com a criação do SUS?**

**Paulo Gadelha** - O SUS é produto de várias iniciativas anteriores, que trabalhavam com descentralização e da integralidade, e com esse movimento, e seu nome diz isso, surgiu a idéia de criar um sistema único de saúde. Esse sistema único é impregnado por alguns princípios centrais que irão vigorar desde o momento em que ele, através de mobilização popular, se incorpora na Constituição Brasileira de 1988. Então, surge essa questão, hoje clássica, fundamental para nós, de que a Constituição inscreve a saúde como direito do cidadão e um dever do Estado. As leis regulamentares, complementares e as normas vão dando configuração a esse sistema. E os princípios são aqueles que já conhecemos. O primeiro é o da universalização. O que antes era fragmentado (indigentes ou despossuídos ficavam com a filantropia, outros ficavam com a previdência) o sistema passa a unificar. Qualquer cidadão brasileiro tem esse direito e não pode ser discriminado no seu processo de acesso. A segunda questão é a da integralidade, de se trabalhar com todo o conjunto de ações necessário para se cuidar da saúde. E isso implica atenção, prevenção e uma série de outros componentes para se ter essa atenção integral. O terceiro princípio é a descentralização, no sentido de atribuir a cada esfera da Federação um papel que implicava que o sistema, sendo único, era trabalhado através das pactuações, respeitando o princípio federativo, ao mesmo tempo definindo o âmbito de atuação de cada esfera. Então, ao Ministério da Saúde cabe o processo de normatização, de coordenação em âmbito nacional e uma série de outras ações. Aos estados, cabe um outro tipo de papel, até chegar aos municípios, onde se tem a ponta do sistema. A ênfase é de que, como o município é onde se dá a atenção do

## “Muita gente é usuária do SUS e não se percebe como tal”

serviço, mais direta à população, ele passaria a ter um papel muito importante de efetivação daquilo que foi definido, como as normas gerais pactuadas e que, na coordenação do Estado, irá rebater depois em suas ações. Essa descentralização é, ao mesmo tempo, coordenada e pactuada.

### Eqüidade

Outro princípio fundamental, que cada vez mais tem sido trabalhado, é o da eqüidade, no sentido de que se trata de perceber as diferenças, do ponto de vista da produção e da determinação da saúde, dos perfis de saúde das populações e dos territórios, e de se ter ações que respondam diferentemente a essa demanda, principalmente naqueles casos em que não se pode aceitar a existência de condições de saúde que são perfeitamente evitáveis com os recursos hoje disponíveis. Tratar de maneira diferente aquilo que é diferente, no sentido de produzir efeitos que levem a uma eqüidade no campo da saúde social, passou a ser um tema muito importante no campo do SUS. A experiência desse período de pouco mais de duas décadas produziu um sistema com grandes desafios ainda, com óbvias lacunas e situações a serem superadas, mas talvez um dos sistemas, no caso do Brasil, das Américas, e dos países em desenvolvimento, com uma das experiências mais ricas para se apresentar em portfólio. Ele significou uma das maiores reformas já existentes no Estado brasileiro, do ponto de vista do processo de descentralização, do repasse de recursos fundo a fundo, da capacidade de criar processos pactuados, sistemas de gestão participativa, com a constituição dos conselhos municipais, estaduais e do Conselho Nacional de Saúde, totalmente inovador. Ao mesmo tempo, trata-se de um sistema que, hoje,

pelas estatísticas e pelo que produz, provoca, em nível internacional, um espanto, por tudo o que realiza através desse caráter inclusivo.

### IHU On-Line - Em que sentido a questão da preocupação social aparece no SUS?

**Paulo Gadelha** - Muitas vezes, as pessoas não percebem a produção do SUS, pois ninguém vê os números dos sistemas de vigilância, do avanço nas pesquisas, da formação de recursos humanos etc. Costumamos destacar que muita gente é usuária do SUS e não se percebe como tal. A maior parte dos atos de grande complexidade acabam sendo recorridos ao SUS. Quando se tem uma vacinação de idosos, de crianças, da febre amarela, tudo é feito pelo SUS. E um dado muito importante, uma espécie de atualização da compreensão desse sistema hoje, é também mostrar que o campo da saúde é, se bem orientado, um caminho de desenvolvimento econômico e do setor produtivo com atendimento à demanda social e como visão social de um processo de desenvolvimento. O campo da saúde mobiliza hoje 8% do PIB brasileiro. São incorporados cerca de dois milhões de trabalhadores. Do ponto de vista do avanço da ciência e tecnologia, a área da saúde é a primeira, a mais importante dentro do investimento e da produção dos grupos de pesquisa brasileiros, como o CNPq e a Capes. E, ao mesmo tempo, o Ministério da Saúde tem um grande poder e capacidade indutora. Considerando que define as prioridades, como grande comprador e normatizador, ele pode fazer com que a área de inovação, de desenvolvimento tecnológico, de internalização da produção nacional, e do campo de vacinas, medi-

camentos, equipamentos e serviços constituam um círculo virtuoso de desenvolvimento econômico para o Brasil, reduzindo o processo de dependência estratégica, reduzindo importações e gerando empregos. Esse papel mostra que a área da saúde pode ser integrada em uma visão de desenvolvimento nacional com caráter e compromisso social.

### IHU On-Line - Há elementos de solidariedade e democracia dentro da proposta do SUS? Podemos percebê-lo como instrumento de inclusão social?

**Paulo Gadelha** - Sem dúvida. Ele já é inclusão social quando faz com que hoje se tenha cerca de 80% da população brasileira tendo, no SUS, a sua área central de referência para todo esse campo de atenção. A segunda questão é que ele, do ponto de vista social, é um sistema generoso. Trata-se, também, de um sistema que trabalha fortemente com a participação social. Essas características fazem com que ele seja, de fato, um sistema aberto e que tem a marca da inclusão desde a sua origem. Ele é um sistema solidário, pois compõe a visão de seguridade social: assistência e previdência. O SUS compõe basicamente essa necessidade de sustentação social, fundamental para garantir as condições mínimas de dignidade, de segurança, de atenção naquilo que é mais central para as pessoas: a vida e a qualidade de vida de que elas possam usufruir.

### IHU On-Line - A população e a sociedade civil, em geral, atuam como agentes em relação ao controle e à atuação do SUS no Brasil?

**Paulo Gadelha** - Eu acredito que esse seja um desafio. Na verdade, eu diria que o sistema de controle e participação social é muito significativo se

comparado a qualquer outra experiência nacional. Não há nenhuma outra experiência nacional tão estruturada e tão organizada para permitir esses fluxos de participação. Existem as conferências da saúde em que se fazem reuniões em quase todos os municípios. Mas esse é ainda um grande desafio, porque, muitas vezes, esses sistemas estão enclausurados na sua dinâmica já constituída, com baixas taxas de renovação e com baixa permeabilidade em relação ao processo social mais abrangente. Na verdade, essa é uma questão de mão dupla. Na medida em que o processo social brasileiro e a participação social, de alguma forma, arrefece, precisamos analisar qual é o papel dos sindicatos, das organizações não-governamentais, dos movimentos sociais que são ativos em alguns momentos, mas, em geral, estão muito aquém daquilo que seria desejável em um país com forte demanda para constituir a sua cidadania plena e a sua democracia mais substantiva. Isso também se reflete nas estruturas que o SUS montou para receber esses influxos. O que acontece no interior do aparato institucionalizado de participação social do SUS também revela um pouco, em primeiro lugar, uma necessidade de encontrar formas mais aperfeiçoadas de conseguir capturar e representar melhor o conjunto da sociedade e não apenas a visão mais interna das corporações ou dos setores que são informalmente representados. A segunda coisa é como receber o que vem dos movimentos sociais que, muitas vezes, são, no caso do Brasil, ainda muito amortecidos. Então, é preciso fazer o contrário, uma busca ativa no sentido de capturar e encontrar mecanismos de associação naquilo que pode ajudar nesse processo. A participação social ainda está muito aquém daquilo que nós desejamos, mas o SUS tem os instrumentos sociais e institucionais para que melhorias aconteçam.

**IHU On-Line - Quais são os maiores desafios que o SUS tem pela frente? Que limites a saúde pública brasileira enfrenta hoje e que precisam ser vencidos com mais urgência?**

**“O SUS compõe basicamente essa necessidade de sustentação social, que é fundamental para garantir as condições mínimas de dignidade, de segurança, de atenção naquilo que é mais central para as pessoas: a vida e a qualidade de vida de que elas possam usufruir”**

**Paulo Gadelha** - Primeiro, infelizmente, e esperamos que isso se resolva melhor em curto prazo, voltamos à problemática do subfinanciamento no SUS. Com a CPMF, tínhamos um claro saldo de melhoria do financiamento. Na questão da Emenda número 29, os recursos que viriam da CPMF teriam nos dado um incremento significativo para sairmos do processo de resistência e carência, resultantes do subfinanciamento. Essa questão voltou a ser central, porque se consegue, até um certo ponto, direcionar melhor e otimizar recursos, mas há um limite. A segunda questão diz respeito a processos de valorização e formação dos quadros de pessoal do SUS. Também existe a questão da acessibilidade e humanização do atendimento. É intolerável, inaceitável, no atendimento, num posto de saúde, num hospital, numa emergência, independente da questão dos recursos, a falta de comprometimento, de acolhimento e de compromisso social. A população deve ser atendida com a maior dignidade. No entanto, isso não é um problema apenas subjetivo, mas também estrutural. Ele significa que os hospitais e os serviços precisam ter uma estrutura que permita esse processo. Na verdade, como estão hoje, eles geram um nível de estresse, de sobrecarga, de condições e fluxos da base perversos que não se permite chegar a um estágio de humanização necessário. Mas essas questões da

equidade e do acesso humanizado e do acolhimento são centrais, e o SUS precisa dar conta delas.

**IHU On-Line - Qual é a contribuição da academia e da pesquisa nesse sentido?**

**Paulo Gadelha** - A academia tem um papel que eu considero muito relevante. Está havendo, e eu citaria o exemplo da Fundação Oswaldo Cruz, cada vez mais um grau de consciência e, ao mesmo, de comprometimento, e, mais do que isso, de criação de formas de planejamento e definição de ações e de prioridade. No caso do SUS, isso vem desde o campo de desenvolvimento tecnológico na área de vacinas, de medicamentos, de equipamentos, de kits de diagnósticos etc., como também de toda a pesquisa e de todo o produto no campo da tecnologia *soft*, no sentido da área de planejamento, nos sistemas de informação, no processo de capacitação e formação dos servidores, e também fortemente na área de comunicação e formação tanto para dentro quanto no que se refere à comunicação com a sociedade. Acredito que a academia tenha se movido no sentido de abandonar o que, em alguns momentos, era criticado e apontado como uma espécie de torre de marfim: seu distanciamento da prática. No campo da saúde, pela própria realidade das temáticas com que lidamos e as demandas que elas trazem, essa ponte entre pesquisa estratégica e resposta a problemas tem tido avanços muito grandes nos últimos anos.



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS

# IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

# B.

## Destques da Semana

# Entrevistas da Semana

## O desafio dos ciborgues: multidimensionalizar o próprio humano

POR MOISÉS SBARDELLOTO E PATRICIA FACHIN

Quando o humano passa a ser apenas um ingrediente para a construção de outras formas de vida, estamos nos encaminhando para uma sociedade pós-humana. Essa é a afirmação do doutor em Cosmologia Luiz Alberto Oliveira. Nesta entrevista concedida por telefone à IHU On-Line, Oliveira salienta que o humano não terá, necessariamente, que deixar de existir, mas, ao contrário, será diversificado, multiplicado, pluralizado. “Acréscimos serão feitos àquilo que até agora chamamos de humano”, afirma. Comparando esse avanço com a passagem da infância para a maturidade, o cosmólogo explica que a sociedade está passando para um outro patamar, no qual a capacidade técnica é capaz de estender os limites do que era reconhecido como humano.

Com o avanço das nanotecnologias e do domínio de escalas bilionésimas, o pesquisador do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas explica que se poderá também modificar as bases de cada organismo. “Isso significa que o que conhecíamos e o que estamos habituados a lidar, a fazer, a reproduzir, começa a ficar relativizado”, destaca. Daí advém o grande temor que essas inovações produzem na sociedade. Segundo Oliveira, a principal causa desse medo é concreta, pois já estaríamos assistindo as nossas próprias ações a se rebater sobre nós mesmos. “Estamos sendo não apenas os usuários, mas estamos também sendo usados pelos objetos técnicos”, analisa.

Luiz Alberto Oliveira é formado em Física, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e possui mestrado pela mesma área, pelo Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF), onde também obteve o título de doutorado em Cosmologia. Atualmente, é pesquisador do CBPF, no Rio de Janeiro, onde também atua como professor de História e Filosofia da Ciência. Na semana passada, mais precisamente no dia 28 de maio, quarta-feira, ele proferiu a conferência “CiberCentauros (a possível hibridização entre homens e máquinas)” no Simpósio Internacional Uma sociedade pós-humana? Possibilidades e limites das nanotecnologias. Sobre o tema, confira a revista IHU On-Line número 259, intitulada *Nanotecnologias: possibilidades incríveis e riscos altíssimos*.

**IHU On-Line - Como podemos pensar as sociedades futuras, a partir da Teoria do Caos e da tecnociência?**

**Luiz Alberto Oliveira** - A tecnociência é a associação entre o conhecimento da natureza e o desenvolvimento de meios de transformá-la, de extensões das nossas habilidades e de nossas capacidades para fazer com que qualquer atividade humana transforme a natureza e transforme a si própria. Desde a Revolução Industrial, há aproximadamente 150, 200 anos, ela se tornou o principal motor da atividade econômica. A economia

se tornou cada vez mais vinculada e associada à potencialização técnica dos meios de produção. À medida que avanços científicos e do conhecimento básico da natureza se convertem em desenvolvimentos técnicos, ou seja, em desenvolvimento de objetos, de meios, de instrumentos, ferramentas, utensílios pelos quais o trabalho humano é potencializado, a economia foi se tornando cada vez mais tecnocientífica. Então, os avanços da ciência passaram a repercutir cada vez mais e passaram a ser as diretrizes pelas quais os

entendimentos econômicos começaram a se guiar e a operar. Nos últimos 50 anos, um dos principais avanços, tanto de conhecimento básico sobre processos naturais quanto de um grande número de aplicações, foram as chamadas teorias do caos. Essas teorias nos dizem, basicamente, que a grande maioria dos sistemas de natureza não é suscetível de ser controlada, pelo fato de que pequenas causas, pequenas variações nas condições iniciais de um sistema, podem resultar em grandes efeitos. O controle que se exerce sobre o ponto de

DIVULGAÇÃO



partida do comportamento do sistema não é suficiente para garantir que esse comportamento seja o previsto ao longo do desenvolvimento do próprio sistema. Então, essas tecnologias permitem prever uma sociedade fundada não em uma previsibilidade absoluta, mas, ao contrário, em uma indeterminação, que equivale a uma abertura. É como se cada vez mais fosse possível acumular, no presente, muitas linhas de futuro, muitas linhas de abertura para o inédito e o inovador. Essa é uma situação revolucionária. Só que não é mais uma revolução que sucede num momento de crise, num momento de espasmo. Ao contrário, é uma revolução que se tornou constante. Essa é a nossa crise atual, a crise de uma mutação.

**IHU On-Line - O senhor fala em três grandes promessas com a inovação tecnológica: a robótica, a biotecnologia e a nanotecnologia. Como o ser humano será transformado a partir dessas inovações?**

**Luiz Alberto Oliveira** - O que esses três grandes domínios de avanço têm em comum é o fato de todos eles operarem a partir das escalas fundamentais de estruturação dos objetos materiais. Ou seja, operar com escalas bilionésimas, com o domínio do bilionésimo do metro, do trilionésimo do segundo, que são as escalas nas quais sucedem os fenômenos fundamentais de organização e estruturação dos sistemas materiais, vivos e cognitivos. Se estamos sendo, hoje, capazes de engendrar artefatos, de infundir idéias e diagramas em substratos tanto materiais quanto biológicos, cognitivos e neurológicos, por exemplo, então estamos sendo capazes de engendrar formas, dispositivos e sistemas, de fato entidades, nas quais essas capacidades da matéria, da vida e do pensamento estão começando a ser administradas e pré-engendradas. Esses três ramos implicam que tudo aquilo que entendíamos que era o mundo, a vida, a sociedade e o indivíduo começa a entrar em uma rota de indeterminação. Ou seja, nós agora somos capazes de intervir nas próprias bases que nos definem enquanto seres materiais, seres vivos e seres cognitivos.

**IHU On-Line - Com as possibilidades**

**previstas por esses três ramos, os conhecimentos que até então tínhamos do que e como funciona a natureza e o homem serão desprezados?**

**Luiz Alberto Oliveira** - Ao contrário. Nosso problema é a enorme valorização do conhecimento da natureza. Esse conhecimento é que está nos permitindo operar nessas dimensões com esses modos inéditos. Ao contrário de uma impossibilidade e uma incapacidade, nós temos uma compreensão acerca desses modos de funcionamento dos quais não dispúnhamos anteriormente. Foi só o desenvolvimento de avanços matemáticos muito significativos e dos computadores que nos permitiu lidar com sistemas que têm esse comportamento imprevisível e indeterminado. É indeterminado e imprevisível, mas possui padrões, e podemos reconhecê-los e operar sobre eles. Hoje, podemos intervir lá no nível molecular básico, no qual todos os sistemas materiais, vivos ou não-vivos, cognitivos ou não-cognitivos, se estruturam. As formas até agora engendradas pelos processos ditos naturais serão suplementadas por outros processos materiais. Essa artificialização profunda dos sistemas do mundo é a grande inovação do começo do século XXI.

**IHU On-Line - Em outra entrevista à IHU On-Line, o senhor diz que estamos a caminho de poder redesenhar a forma humana e as formas de vida. Como isso acontecerá? Que mudanças teremos a partir da hibridação de células e chips?**

**Luiz Alberto Oliveira** - Surge aí algo que irá possuir o que nós chamamos de humano como um componente, mas que não é mais determinado exclusivamente por essas características do humano. Ou seja, é como se estivéssemos começando a explorar potencialidades de sistemas nos quais o humano — células humanas, DNA humano, tecidos humanos, comportamentos humanos, padrões de pensamento humanos — entram como ingredientes, como um componente, mas são como que extensões do humano. Nesse sentido é que me parece legítimo falar que nos encaminhamos para uma sociedade pós-humana. Não que o humano terá deixado de existir, mas, ao contrário, será diversificado, multiplicado,

pluralizado. Acréscimos serão feitos a isso que até agora chamávamos de humano. É como se tivéssemos, da mesma maneira de quando há a passagem de um bebê para uma criança — o bebê engatinhava, a criança começa a andar —, ou quando passamos da criança para o adulto — o adulto é quem reproduz e tem capacidades que, na criança, estavam apenas em gérmen, passando para uma sociedade na qual nossa capacidade técnica agora é capaz de estender os limites do que era reconhecido como humano.

**IHU On-Line - Se não há diferença entre moléculas biológicas e inorgânicas, naturais ou artificiais, por que o ser humano tem tanto medo da hibridação entre homens e máquinas ou pelo menos trata do tempo com cautela?**

**Luiz Alberto Oliveira** - Porque nunca houve nada parecido com isso. Todas as vezes em que intervimos sobre o mundo natural foi sempre de fora. Quando queremos mais lâ, promovemos o cruzamento de exemplares de uma certa espécie de ovelha de modo a que tenha, cumulativamente, geração após geração, essa característica de mais lâ e lâ de qualidade. Mas estamos operando de fora, sobre o organismo. Agora, vamos operar de dentro, sobre as bases de cada organismo, sob a regra pela qual cada organismo é um organismo e é aquele organismo. Isso significa que o que conhecíamos, com que estávamos habituados a lidar, a fazer, a reproduzir — e já transformamos bastante a natureza e temos um imenso poder de transformação —, começa a ficar relativizado. E, na verdade, o grande temor é porque estamos vendo que as nossas ações estão começando a se rebater sobre nós próprios e que não somos mais apenas os gerenciadores dos objetos técnicos. Estamos sendo não apenas os usuários, mas estamos também sendo usados pelos objetos técnicos. A técnica agora é capaz de operar sobre nós. Somos matéria-prima dessa ação técnica. Isso significa que a forma humana está em vias de ser redesenhada para alguma coisa que nunca experimentamos. Esse temor do inédito, me parece, é a marca que faz com que todo o mundo se interroge, com grande dúvida e incerteza,

acerca das novas tecnologias e das potencialidades enormes que elas estão abrindo para nós.

### **IHU On-Line - Alguns estudiosos dizem que já somos ciborgues. O senhor concorda?**

**Luiz Alberto Oliveira** - Eu acho que somos pré-ciborgues. Me parece que somos plataformas adequadas para um engendramento de ciborgues. Por um lado, desde que existe a obtenção de dentes, já somos ciborgues. Estou fazendo essa pequena caricatura para dizer que o uso de extensões das capacidades do corpo e a mescla de componentes têm uma longa tradição. Na verdade, toda a técnica já é alguma coisa “ciborguizante”. À medida que se passa a operar com objetos técnicos, começamos a conviver com extensões materiais, mecânicas e técnicas do corpo. O fato de agora haver uma mescla desses componentes e domínios é alguma coisa que sempre esteve latente, e agora nós temos os meios de realizar. Até, agora, podemos fundir células humanas com células animais ou fundir células humanas com componentes eletrônicos, nanotécnicos. Isso significa essa abertura, essa extensão dos limites do que era o humano.

### **IHU On-Line - O senhor diz que vamos nos converter em dinossauros mamíferos, irremediavelmente obsoletos, aguardando a extinção autoproduzida. Poderia nos explicar melhor essa teoria? Se assim for, não deveríamos combater as nanotecnologias para evitarmos a nossa autodestruição?**

**Luiz Alberto Oliveira** - Eu estava me referindo à seguinte possibilidade: vamos imaginar que desenvolvamos um sistema robótico, e esse sistema ganhe autonomia. Ou seja, que ele seja capaz de se reparar, de manter a sua composição, a sua estrutura, as suas capacidades, e de tomar decisões frente às circunstâncias inovadoras, como nós fazemos. Um dispositivo como esse, uma fábrica auto-regulada, pode ser indispensável para se empreender a colonização de Marte, por exemplo. Então, se lança essa fábrica em Marte, ela faz outras fábricas, e o resultado da ação delas será, por exemplo, mudar a atmosfera de Marte, uma Terra-formação

de Marte – em nível de especulação. Uma entidade como essas, num certo sentido, reproduz nossas capacidades e as amplia. Então, é como se o ideal do capitalismo de produção absolutamente ilimitada e de conversão de toda a ação em produção viesse a ser realizado, mas dispensando a presença humana. Foi nesse sentido que falei que o desenvolvimento de sistemas robóticos autônomos como esse teria como figura, no horizonte, nos converter em dinossauros mamíferos. Ou seja, entidades cujas capacidades técnicas, cognitivas, produtivas, são superadas por sistemas que nós mesmos engendramos.

### **IHU On-Line - Mas, se assim for, não deveríamos combater as nanotecnologias para evitar a nossa autodestruição?**

**Luiz Alberto Oliveira** - Eu entendo o contrário. Não se trata de autodestruição, mas sim de transformação. Essa transformação tem ocorrido desde que nós nos tornamos humanos. E, no momento, o que está sucedendo é uma aceleração disso que já é uma inerência nossa. Já nos estendemos e nos ampliamos cada vez que fazemos cultura, literatura, arte, ciência, filosofia. Em cada um desses momentos, já estendemos a natureza, inovamos algo que não estava presente na natureza. Então, da mesma maneira, essa suplementação técnica do nosso corpo, na nossa forma de reproduzir, de viver, é algo que expressa a nossa natureza. Entendo que seria contrário até a nós mesmos tentar restringir esse desenvolvimento que sempre foi nosso. A diferença é que agora também somos parte da matéria-prima da pintura, também somos parte da nota da música. Mas se trata, da mesma maneira, de uma invenção.

### **IHU On-Line - O senhor fala que os ciborgues poderão substituir as grandes jornadas de trabalho humano. Entretanto, com a criação desses seres, não estaria o homem e o grande capital utilizando do seu poder para explorar o próximo? Até que ponto isso pode ser visto como algo positivo?**

**Luiz Alberto Oliveira** - De fato, uma série de problemas vai surgir na medida em que o desenvolvimento desses novos sistemas autônomos, replicativos, auto-mantenedores e principalmente

cognitivos for surgindo. Vamos imaginar que tenhamos alcançado o desenvolvimento de uma inteligência artificial tal que sejamos obrigados a reconhecê-la como outro, ou seja, como outra espécie inteligente, como um alien, como um extraterrestre, que, em vez de descer do disco voador, nós produzimos e fabricamos. Precisaremos conceder a essa entidade o mesmo estatuto de ser “sentiente” e consciente, como fazemos a nós mesmos. Vamos precisar reconhecê-lo como tendo um patamar de igualdade, um outro ramo de humanidade, ao mesmo tempo em que teremos de lhe conferir alma, sensibilidade, razão, que irão diferir das nossas. E o nosso problema é como vamos lidar com essa “outra idade”, com essa alteridade. O que pretendemos fazer com esses dispositivos? Se for simplesmente escravizá-los, ou seja, reproduzir o que fizemos conosco mesmos durante milênios, não me parece viável que isso possa persistir, pelo simples fato de que essa mescla de humano com não-humano contém germens de capacidades que mal estamos começando a suspeitar. A cada vez que procurarmos, simplesmente, transpor, transportar ou rebater sobre o futuro as histórias e as memórias que temos do passado, é como se tentássemos aprisionar as expectativas, restringir as possibilidades. E muitas vezes não seremos capazes de fazer isso. Não sei se uma “revolta dos escravos” é algo previsível no horizonte, mas talvez simplesmente o modelo escravista não seja o melhor para se aplicar nessa situação. Na verdade, se tomarmos como exemplo o planeta Terra hoje, gerenciado por nós, humanos, *homo sapiens*, sem qualquer ciborguização acentuada, apenas no caminho da ciborguização, vemos que não temos feito um serviço tão bom assim. Possivelmente, esses nossos filhos espirituais, esses nossos primos, os ciborgues, reconhecerão que alguma coisa precisa ser feita no sentido de horizontalizar a produção, a distribuição, solidarizar, coletivizar, ao invés de privilegiar esse indivíduo empreendedor e consumidor que cada um de nós passou a ser obrigatoriamente. Ou seja, “multidimensionalizar” o próprio humano. E identificar que esse modelo predatório do capital, especialmente do capital financeiro, não é horizonte, não é sustentável, nem para nós, acredito eu, nem para os ciborgues.

## A poesia como distância e aproximação

Para a poeta Virna Teixeira, há muito barulho e, paradoxalmente, muita incomunicabilidade e solidão no mundo contemporâneo

POR ANDRÉ DICK

**P**ara a poeta e tradutora cearense Virna Teixeira, a poesia é uma forma de se distanciar e, ao mesmo tempo, de se aproximar do mundo, numa procura individual. “É preciso tempo e coragem para processar esta procura individual, o que requer um movimento interno, uma depuração deste excesso. É preciso um pouco de privacidade, de distância para compreendê-la”, diz ela.

Virna também fala, nesta entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line, sobre como foi ser organizadora, ao lado do poeta Claudio Daniel, do Festival Tordesilhas, em São Paulo, em novembro de 2007. Ao mesmo tempo, comenta sobre seus livros, *Visita* (Rio de Janeiro: 7Letras, 2000) e *Distância* (Rio de Janeiro: 7Letras, 2005), sobre os autores que a influenciaram, as traduções que fez e sobre seu novo projeto, intitulado *Trânsitos*. Virna publicou dois livros de tradução: *Na estação central* (Brasília: Editora da UnB, 2006), de Edwin Morgan, e *Ovelha negra – Uma antologia de poesia da Escócia do século XX* (São Paulo: Lumme Editor, 2007). Ambos os livros são resultado também do período que cursou um mestrado em Medicina do Sono na Universidade de Edimburgo, na Escócia, entre 2001 e 2003. Para Virna, a tradução é feita principalmente “a partir de afinidades com a forma, a estética, a sua originalidade”, estando “em contato íntimo com outra língua e com a técnica de escrita”. As escolhas que faz, diz, têm “relação também com qualidades subjetivas, particulares em cada caso”.

Graduada em Medicina em 1994, pela Universidade Federal do Ceará, com residência em Neurologia na Universidade de São Paulo, Virna é especialista na área de Dependência Química, pela Escola Paulista de Medicina, e iniciou este ano um doutorado na Faculdade de Letras da USP, com o tema Literatura e Drogas, do qual fala na entrevista. Ainda edita na internet o blog Papel de Rascunho (<http://papel-derascunho.net>) e participou com dois poemas na seção Invenção da revista IHU On-Line número 240, intitulada *Che*.

**IHU On-Line - Você traduziu poetas escoceses na antologia *Ovelha negra*. Como chegou a esses nomes e quais acha mais interessantes? Trata-se de uma literatura com pontos de contato específicos com outras do mundo?**

**Virna Teixeira** - Em 2001, ganhei uma bolsa do British Council para cursar um mestrado na Universidade de Edimburgo. Quando cheguei na Escócia, onde morei por dois anos, não conhecia praticamente nada sobre poesia escocesa. Tive contato então com a poesia de Edwin Morgan, cujo trabalho como

poeta e tradutor me impressionou bastante. Depois comecei a me interessar por outros autores, frequentei um curso de criação literária (poesia) na universidade e também algumas leituras de poesia, principalmente na Scottish Poetry Library, uma biblioteca pública de poesia. Cheguei assim a alguns nomes através desta aproximação e de um pouco de pesquisa que continua até hoje, a distância. Poderia citar: Edwin Morgan, Ian Hamilton Finlay, Norman MacCaig, Tom Leonard, George Mackay Brown, Richard Price, Dilys Rose, Jackie Kay, Ken Cockburn,

Gael Turnbull, entre outros. A poesia escocesa é muito particular por algumas questões: lingüísticas (o inglês é de longe a língua oficial, mas outras duas línguas são faladas no país, Scots e Gaélico); históricas (a Escócia só obteve seu Parlamento em 1999); e também geográficas, pela localização do país, pela paisagem, pelo clima. Assim nota-se com alguma frequência a presença de referências regionais na escrita, ou seja, de uma identidade escocesa, o que se conhece como “Scottishness”. No entanto, ao mesmo tempo, a poesia da Escócia não

se restringe a estes traços e sempre esteve próxima das vanguardas — por exemplo: Ian Hamilton Finlay<sup>1</sup> correspondia-se nos anos 1960 com os poetas Robert Creeley,<sup>2</sup> Ernst Jandl,<sup>3</sup> Lorine Niedecker,<sup>4</sup> Augusto<sup>5</sup> e Haroldo de Campos,<sup>6</sup> para citar alguns. Morgan,<sup>7</sup> por sua vez, teve um contato forte com os poetas *beatniks* e sua atividade de tradução (de diversas línguas para o inglês e Scots, como húngaro, russo etc.) ampliou o conhecimento de outras culturas. Gael Turnbull, responsável pela Migrant Press, era um internacionalista, e assim estes pontos de contatos foram muito importantes do ponto de vista estético no trabalho de alguns autores escoceses.

**IHU On-Line - A partir de que qualidades você seleciona os poetas que gosta de traduzir? Pode falar as características que mais a atraíram em alguns daqueles que traduziu?**

**Virna Teixeira** - Sobretudo a partir de afinidades com a forma, a estética, a sua originalidade. Traduzir é estar em contato íntimo com outra língua e com a técnica de escrita e este aprendizado é muito interessante. As escolhas têm relação também com qualidades subjetivas, particulares em cada caso. Por exemplo, gosto muito dos poemas de amor de Edwin Morgan, assim como gosto do caráter introspectivo, discreto, irônico dos poemas de Lorine Niedecker e também da grandiosidade e audácia de Delmore Schwartz.<sup>8</sup> Ou

1 Ian Hamilton Finlay (1925-2006): poeta escocês. (Nota da IHU On-Line)

2 Robert Creeley (1926-2005): poeta norte-americano, teve uma antologia de poemas traduzida por Régis Bonvicino em *A um* (São Paulo: Ateliê Editorial, 1997). (Nota da IHU On-Line)

3 Ernest Jandl (1925-2000): poeta austríaco. (Nota da IHU On-Line)

4 Lorine Niedecker (1903-1970): poeta norte-americana. (Nota da IHU On-Line)

5 Augusto de Campos (1931): poeta, tradutor e ensaísta brasileiro, autor de, entre outros livros, *Despoesia* (São Paulo: Perspectiva, 1994) e *NÃO* (São Paulo: Perspectiva, 2003). Participou da edição 251 da IHU On-Line, intitulada *Maior de 68: 40 anos depois*, com a tradução “Brahma”, na editoria Invenção. (Nota da IHU On-Line)

6 Haroldo de Campos (1929-2003): poeta, tradutor e ensaísta brasileiro, autor de, entre outros livros, *Xadrez de estrelas e Galáxias*. (Nota da IHU On-Line)

7 Edwin Morgan (1920): poeta escocês, que Virna traduziu em *Na estação central* (Brasília: Ed. da UnB, 2006). (Nota da IHU On-Line)

8 Delmore Schwartz (1913-1966): poeta norte-americano. (Nota da IHU On-Line)

seja, as escolhas são individuais e multifacetadas. Acho interessante selecionar poetas que são de certa forma inéditos, pouco conhecidos, porque há lacunas ainda muito grandes de tradução de poesia (do inglês e outras línguas) para o português. O interesse do público, felizmente, tem crescido.

**IHU On-Line - Recentemente, seu livro *Distância* foi traduzido para o espanhol. Qual é a importância desse intercâmbio com outros países para a poesia?**

**Virna Teixeira** - Sim, *Distância* foi publicado no México recentemente. Esse intercâmbio sempre foi importante para a poesia e hoje é da ordem do dia, creio, pois a internacionalização tende a se tornar cada vez maior com a internet e com a facilidade dos meios de comunicação. Antes, o acesso era mais lento. Creio que este diálogo seja frutífero para todos: o contato com outra língua, outra cultura tende sempre a acrescentar algo na escrita.

**IHU On-Line - Ainda nessa linha de diluir fronteiras, como foi organizar, junto com o poeta Claudio Daniel,<sup>9</sup> o Festival Tordesilhas e o encontro com os poetas latino-americanos em São Paulo em novembro de 2007? Qual é a sua percepção sobre a poesia latino-americana contemporânea?**

**Virna Teixeira** - Foi uma experiência muito trabalhosa e interessante. Conseguimos um apoio com a Caixa Cultural, mas tivemos que organizar toda a produção, logística e divulgação de um festival com mais de 50 poetas, metade dos quais estrangeiros. Muito desgastante para um orçamento limitado e para uma equipe pequena. Felizmente conseguimos outros apoios, como o do Instituto Cervantes e Consulado do México, e havia um desejo muito grande de que as coisas funcionassem. O diálogo entre os poetas foi muito bom. O festival na verdade foi

9 Claudio Daniel (1962): poeta brasileiro, autor de *Figuras metálicas*, entre outros, participou da editoria Invenção da IHU On-Line número 245, intitulada *O “novo” ateísmo em discussão*. Também concedeu a entrevista “Antônio Vieira: um dos autores mais densos e complexos da literatura brasileira” para o sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu), no dia 06-02-2008. (Nota da IHU On-Line)

íbero-americano: tivemos a presença de dois poetas portugueses (Luís Serguilha e João Miguel Henriques), um poeta basco (Juan Kruz Igerabide) e outro catalão (Joan Navarro), o que enriqueceu o encontro. Minha percepção sobre a poesia latino-americana contemporânea é muito heterogênea: há diferenças e influências distintas em alguns países, apesar de algumas estéticas em comum. Creio que este seja um momento em si heterogêneo na poesia, uma espécie de crise entre passado e futuro, vanguardas e pós-modernidade. Cada um dialogando neste trânsito, parado em algum momento do tempo.

**IHU On-Line - Ingressando numa análise de seu trabalho, sua poesia tem como temas centrais a viagem e a solidão. De que modo percebe a viagem no mundo contemporâneo e através dela se constata a procura do indivíduo?**

**Virna Teixeira** - O mundo contemporâneo é povoado, excessivo. Há muita pressa. Os deslocamentos são rápidos, as aproximações são instantâneas, mas superficiais, há a pressão da mídia e da publicidade em toda parte. O espaço sonoro é cada vez mais reduzido. Há muito barulho, muito estímulo, muita competitividade e, paradoxalmente, muita incomunicabilidade e solidão. A forma utilizada para lidar com esta angústia contemporânea é a compulsão, o consumo, o imediatismo. É preciso tempo e coragem para processar esta procura individual, o que requer um movimento interno, uma depuração deste excesso. É preciso um pouco de privacidade, de distância para compreendê-la.

**IHU On-Line - Quais são as transformações que você imagina ter passado, em sua poesia, de *Visita a Distância*, seus primeiro e segundo livros, respectivamente?**

**Virna Teixeira** - *Visita*, publicado em 2000, é um livro mais veloz: usa recursos de linguagem que facilitam este percurso, entre a impressão causada pelo que é visto e rapidamente registrado. Quando escrevi *Visita*, tinha começado a fazer várias viagens, estava lendo sobretudo poesia norte-ame-

ricana e o livro tem esta marca. Em *Distância*, houve uma transformação grande, surgiram outras leituras, é um livro mais pausado, escrito em mais de quatro anos e que retrata o momento em que vivi na Escócia, outras série de viagens, o retorno ao Brasil, algumas reflexões mais críticas sobre questões contemporâneas — o isolamento na segunda parte do livro, “Entre paredes”, as distâncias internas. Houve, enfim, uma mudança na forma de compreender o mundo, uma percepção mais lenta, mais demorada. *Distância* trata muito da questão do tempo. A epígrafe do livro poderia ser uma frase de Tennessee Williams:<sup>10</sup> “O tempo é a distância mais longa entre dois lugares”.

**IHU On-Line - Existe um conceito que indica que a poesia moderna não lida com a subjetividade do autor, ou seja, também com suas “múltiplas vozes”. Como observa essa questão diante desse mundo contemporâneo em que estamos inseridos, com sua multiplicidade? Por quê?**

**Virna Teixeira** - Discordo deste conceito. A subjetividade pode adquirir múltiplas formas dentro da escrita, ainda que não seja óbvia. Não é possível ser linear dentro do mundo contemporâneo. Isso porque vivemos um momento muito fluido, muito descontínuo, há muitos estímulos externos, muita velocidade de informação. A contemporaneidade requer, de certa forma, um pouco de plasticidade, de flexibilidade. Acredito nas releituras, na transcendência do eu, e também na possibilidade de outros caminhos. Intuitivamente, creio que isso possa acontecer através da busca de outras temáticas, de diálogos com outras artes, com a ciência, tecnologia, com outros ramos do conhecimento humano, e também através de exploração da sintaxe. Enfim, sou otimista.

**IHU On-Line - Há um interesse especial seu pelas poetisas Ana Cristina Cesar, Sylvia Plath e Hilda Hilst. Como analisa os trabalhos especificamente desses nomes?**

**Virna Teixeira** - Estas três autoras fo-

<sup>10</sup> Tennessee Williams (1911-1983): dramaturgo norte-americano. (Nota da IHU On-Line)

### De Londres a Edimburgo

Estou esperando o momento  
quando o trem cruza a fronteira  
e mais de perto de casa rasteja  
a setenta milhas por hora.

Descarto os quatro últimos dias  
e a hospedagem estrangeira  
para um passado  
que a cada minuto se amplia.

O trem soa a minha urgência,  
ele diz casa, casa e casa  
acendo um cigarro  
e na curva sorriu na cadeira.

Escócia, para você eu me apresso  
para o meu futuro que  
a cada minuto  
decrece na dianteira.

**Norman MacCaig (tradução de Virna Teixeira)**

ram importantes na minha formação. Sylvia Plath<sup>11</sup> me impressionou pelo rigor da escrita, particularmente. Sua capacidade de abstrair e manter uma frieza narrativa. Gosto muito da poesia de Hilda Hilst<sup>12</sup> pela materialidade, sensorialidade e também por causa da sua ironia. Ana Cristina Cesar<sup>13</sup> creio que seja uma poeta mal compreendida até hoje: sua poesia trata de questões muito contemporâneas, Ana Cristina era mestre nos recursos das “múltiplas vozes”, fazia colagens muito interessantes, seus poemas são repletos de diálogos — em um momento, Italo Svevo,<sup>14</sup> em outro, Mário de Andrade,<sup>15</sup> mais adiante Gertrude

Stein,<sup>16</sup> Katherine Mansfield,<sup>17</sup> mas há também a tensão com uma angústia interna e com o que se passava no seu ambiente imediato, uma inquietação da linguagem.

**IHU On-Line - Você também é uma admiradora da obra de Caio Fernando Abreu, o qual cita na epígrafe do livro *Visita*. O escritor gaúcho realizou, na sua opinião, uma obra ao mesmo tempo prosaica e poética?**

**Virna Teixeira** - Creio que Caio Fernando Abreu<sup>18</sup> escrevia um tipo de ficção muito particular, muito original, que ficava na fronteira às vezes com a poesia, às vezes com a dramaturgia. A epígrafe faz referências sobretudo à temática do autor: a solidão, a incomunicabilidade, a sensação de estranheza, de estar deslocado, de ser estrangeiro. Em *Visita*, há também alguns poemas que transitam pela narrativa,

<sup>16</sup> Gertrude Stein (1874-1946): poeta norte-americana. (Nota da IHU On-Line)

<sup>17</sup> Katherine Mansfield (1888-1923): escritora neozelandesa. (Nota da IHU On-Line)

<sup>18</sup> Caio Fernando Abreu (1948-1996): prosador gaúcho, autor de, entre outros, *Morangos mofados*. (Nota da IHU On-Line)

<sup>11</sup> Sylvia Plath (1932-1963): poeta norte-americana, autora de, entre outros, *Ariel*. (Nota da IHU On-Line)

<sup>12</sup> Hilda Hilst (1930-2004): poeta brasileira. (Nota da IHU On-Line)

<sup>13</sup> Ana Cristina Cesar (1952-1983): poeta brasileira, autora de, entre outros, *A teus pés e Inéditos e dispersos*. (Nota da IHU On-Line)

<sup>14</sup> Italo Svevo (1861-1928): escritor italiano. (Nota da IHU On-Line)

<sup>15</sup> Mário de Andrade (1893-1945): poeta do modernismo brasileiro, autor de, entre outros, *Paulicéia desvairada*. (Nota da IHU On-Line)

**BILHETE**

No envelope  
se anunciava

a tua caligrafia,

em dobras de papel  
amareladas

a esfereográfica íntima  
das palavras

inclinadas

à margem, esquerda  
da página.

(de *Distância*)

como “Bienville”, “NY”, “Meio-dia”, embora não utilizem exatamente recursos prosaicos na linguagem. Costumo ler prosa com alguma frequência. Em *Distância*, utilizo, por exemplo, uma epígrafe de outro escritor, o norte-americano James Baldwin.

### **IHU On-Line - Como se dá especificamente a ligação entre o seu trabalho e as artes plásticas?**

**Virna Teixeira** - Meu contato com artes plásticas ocorreu muito cedo, assim como o contato com a poesia, por causa da minha mãe, que já foi até monitora de museu e hoje tem se dedicado de forma mais integral ao seu trabalho como artista. Quando criança, freqüentei aulas particulares de desenho, pintura, argila etc. Mais tarde, o contato com alguns amigos, como o escultor Eduardo Frota,<sup>19</sup> foi importante para ampliar o conhecimento, sobretudo de arte contemporânea. Meu interesse por poesia e pelas artes plásticas é constante, cotidiano, então é natural que ocorra um diálogo na escrita. A forma de escre-

<sup>19</sup> Eduardo Frota: artista plástico cearense. (Nota da IHU On-Line)

ver, de criar, pode se aproximar de alguns processos utilizados nas artes — o esboço do desenho, uma maquete, a pintura, o impacto visual da fotografia. Desta forma, a compreensão do trabalho de alguns artistas, como Nan Goldin, José Leonilson, Ian Hamilton Finlay, Francis Bacon e Henry Moore, para citar alguns, tem sido muito importante neste processo.

### **IHU On-Line - Por meio de quais autores você realiza seu estudo de pós-graduação sobre a aproximação da literatura com um tema polêmico: as drogas?**

**Virna Teixeira** - Nos últimos quatro anos, tenho trabalhado como médica na área de Dependência Química. Durante este período, por causa minha atividade em paralelo como poeta, realizei algumas oficinas de poesia/discussões em grupo em torno da questão da drogadição em uma clínica de recuperação de dependentes químicos em São Paulo (Vila Serena). O resultado foi muito interessante. Os trabalhos que abordei, brevemente, naquele contexto foram variáveis, mas de preferência escolhi poemas de alguns autores que tiveram problemas com dependência (de álcool, principalmente), como Delmore Schwartz, Paulo Leminski,<sup>20</sup> Elizabeth Bishop.<sup>21</sup> Ressalto aqui que a obra destes autores está longe de se limitar ao assunto; são escolhas específicas. Fui também convidada, em outra ocasião, para falar sobre drogas e literatura, em um encontro no ABC. Meu interesse foi crescente e agora vou iniciar um doutorado sobre o tema na Faculdade de Letras da USP. O assunto é vasto e mutável ao longo da História (cada época elege a sua droga de preferência): ópio no século XIX, cocaína no início do século XX e nos anos 1980, alucinógenos nos anos 1960/70 etc. Certamente, a droga mais constante na literatura, ao longo de diversas épocas, tem sido o álcool, muito usado entre escritores. Há diversos

<sup>20</sup> Paulo Leminski (1944-1989): poeta brasileiro, autor de, entre outros, *Catatau*, *Caprichos & relaxos*, *Distraídos venceremos* e *Metaformose - Uma viagem pelo imaginário grego*. (Nota da IHU On-Line)

<sup>21</sup> Elizabeth Bishop (1911-1979): poeta norte-americana. (Nota da IHU On-Line)

autores que trataram mais especificamente da suas relações com uso e dependências de substância. O marco é a obra *Confissões de um comedor de ópio*, de Thomas De Quincey,<sup>22</sup> mas posso citar alguns outros exemplos, como o de Charles Baudelaire.<sup>23</sup>

### **IHU On-Line - Você tem um blog (Papel de Rascunho) desde 2003 e já escreveu sobre esse novo meio de o poeta chegar a um público mais amplo, o que Leminski, como você diz, considerava, nos anos 1980, acontecer por meio do grafite nos muros das grandes cidades. Ele tem atendido aos objetivos?**

**Virna Teixeira** - As tiragens de livros de poesia costumam ser pequenas e, às vezes, os títulos de autores contemporâneos não são facilmente achados. Os blogs têm facilitado este acesso e divulgação da poesia para um público mais amplo, porém interessado. Creio que o Papel de Rascunho tem atingido este objetivo, considerando não só o número de visitantes, mas também a presença e o retorno de leitores regulares. Porém, tenho constantemente refletido sobre esta questão do blog: como é expor mais diretamente o seu trabalho para o público, qual a proposta, o que publicar etc.

### **IHU On-Line - Poderia falar sobre o seu novo trabalho?**

**Virna Teixeira** - Sim. Estou finalizando meu terceiro livro, *Trânsitos*, que é o desdobramento dos dois trabalhos anteriores, *Visita* e *Distância*. Creio que, de certa forma, aprofunda e conclui um ciclo das questões discutidas aqui, dos percursos, da viagem contemporânea, que variam desde os deslocamentos geográficos, o universo do cinema e das artes plásticas, até questões que abordo no meu trabalho do dia-a-dia, como a drogadição. É um livro mais híbrido, mais fragmentado, que se movimenta por outros caminhos, pela busca de outras técnicas de escrita.

<sup>22</sup> Thomas de Quincey (1785-1859): escritor inglês. (Nota da IHU On-Line)

<sup>23</sup> Charles Baudelaire (1821-1867): poeta francês, autor de, entre outros, *Paraísos artificiais* e *As flores do mal*. (Nota da IHU On-Line)

# Invenção

Editoria de Poesia

## Eduardo Jorge

POR ANDRÉ DICK

Nascido em Fortaleza (CE), em 1978, Eduardo Jorge publicou as plaquetes de poesia *San Pedro* (2004) e *Caderno do estudante de luz* (São Paulo: Lumme Editor, 2008) e o livro *Espaçaria* (São Paulo: Lumme Editor, 2007). Seu verso mostra influência visível do neobarroco, como costuma se chamar a revitalização contemporânea do período que foi de 1580 a 1756, iniciado na Espanha e depois introduzido em Portugal durante o reinado filipino. No entanto, a poesia de Eduardo não traz nenhum excesso metafórico, como costuma ser dito a respeito de obras com elementos barroquistas. Pelo contrário: trata-se de um poeta que consegue versos com equilíbrio quase matemático e depuração de palavras. Ele compõe uma síntese a partir de observações literárias, filosóficas e das artes plásticas em geral. Suas imagens, mesclando abstração a elementos concretos, configura-se a partir de duas idéias: uma procura o discurso mais profícuo, como vemos na plaquete *San Pedro*, em que há textos mais longos, com uma procura pela retórica, mesmo que de maneira implícita; a outra toma como referência a leitura do poeta Haroldo de Campos, sobretudo de *Xadrez de estrelas*, com uma organização sintética do verso. No entanto, Eduardo não dilui Haroldo. Pelo contrário: ele busca essa organização a partir de imagens mais estranhas do que aquele que foi um dos criadores da poesia concreta.

Em seu livro *Espaçaria*, ele produz alguns poemas originalíssimos a partir de imagens de serpentes — uma das imagens recorrentes na fase inicial de Haroldo, sobretudo em poemas de

*Auto do possesso*. Num desses poemas, “Áspide”, Eduardo apresenta os seguintes versos: “língua de luz: / a abertura — fornalha / pedindo passagem: / / às cegas, roliça: / clarão repentino / — abre e fecha. / / guizo musicando / a presença: rastro / da que vigia / a escuridão”. Em *Caderno do estudante de luz*, Eduardo compõe poemas que dialogam com fotografias experimentais, mostrando um entrelaçamento entre artes. Num dos poemas, parece descrever uma paisagem em movimento, em que o sujeito carrega alguns objetos: “quando se anda assim de / bicicleta, o quê mais úmido, eis: / as listras da pista de pouso, / algodão até às avessas, / enquanto segura o que é / portátil, também a casa vazia, / comigo e duas mudas de trevo, / na valise, a troca de assunto: / um livro permanece fechado”. No poema “Fotogenia” (de *Espaçaria*), lida novamente com o detalhamento das imagens: “aquele sorriso jeito / guardado / / como ainda fosse / ajeitar-se / / a eternidade ousou, / incompleta luz / indecisa”. Eduardo busca concentrar o discurso num espaço capaz de alcançar o leitor e mesmo perturbá-lo. Parece que ele seleciona uma determinada imagem que vai desfocando até que o leitor se esqueça do conceito original. No entanto, nesse movimento, ele começa a alcançar uma espécie de síntese do discurso que apresenta, sintetizando ambientes e sensações estranhas a partir de um novo olhar. As questões da memória e do esquecimento também estão presentes nesse caminho. Diretamente ligadas à literatura, essas questões revelam a procura do poeta por um caminho que busca conciliar leitura e um proces-

samento de novas informações, como num dos dois poemas inéditos que ele enviou a esta IHU On-Line, intitulado “os gatos de merce cunningham”, em que coloca como personagens o coreógrafo norte-americano Cunningham e o músico John Cage, que viveram e fizeram trabalhos juntos. Nessa metalinguagem, o poema de Eduardo também remete a outro, chamado “Os gatos de John Cage”, do poeta Aníbal Cristobo, igualmente lembrado em seus versos. Enquanto isso, no poema “cobre, 29”, Eduardo escreve: “a crença parafísica encontrava-se em alguma curvatura (espaço esquina com o tempo, travessa Haroldo de Campos)”, remetendo o leitor à obra *Crisantempo — No espaço curvo nasce um*, de Haroldo, poeta, como já mencionado, referencial em sua obra.

Ao mesmo tempo, com mais uma característica do neobarroco — sem filiá-lo a um determinado movimento, mas procurando pontos de contato em sua poesia com alguns dos maiores poetas da atualidade, a exemplo do cubano José Kozer —, Eduardo tem um verso extremamente musical, voltado ao corte minucioso das palavras e capaz de captar as ligações entre o silêncio e o movimento ruidoso da vida contemporânea. Simultaneamente, essa sua capacidade de encontrar o eixo de um discurso quase filosófico, o coloca de frente com questões como a solidão do homem, a ligação com o mundo animal e a presença cada vez maior da cultura oriental no mundo ocidental. De modo geral, a poesia de Eduardo é um lugar em que o leitor pode buscar estranheza e perceber uma nova realidade, o que não é pouco.

## *quando o desvio*

1.

se um passo ou outro, cobre a palma, fala de cigana — às portas do mercado:

e acalma pelo pulso: duas embarcações, se. ossatura e músculos às teses cartesianas

dobradas, pois retas tortas para tentar uma

morada. Aliás, gaiola dentro da gaiola: o preto

risca o velho, gargalha no mínimo

quatrocentos anos de rocha batida, pisada e

contornada; aquele desenho não está lá anos à toa.

2.

um passo ou ouro, entre a oração silenciosa, o que ler: mão à mão: pupilas. eis os braços:

duas figas e vai;

a pele plissada a fé: vem desconhecido, pisa e apaga o passo ou outro, rasura se te

escreveram antes as duas embarcações, guarda

a pele em dobras cautelosas e some esfumado

sobre cobalto, canta o carvão e vira o vai e

vem do mar, de um sopro.

## *os gatos de merce cunningham*

os mesmos nadadores ou banhistas em frascos escuros, crawl  
o que mais compartilhamos john, o  
silêncio, a respiração? e não há nada expressivo nisto  
como a distância entre a música e o movimento,  
deixe as figuras fora disto, e o como também,  
isto é entre eu e você. e os gatos.  
sim e quem vai ficar com eles: os outros gatos,  
agora tão de aníbal quanto teus, os nossos, pois  
vem a medula e a imaginação, puro movimento aquático e aberto,  
e a explicação firmada, leve tentativa  
a ação física era toda em leveza como uma atmosfera  
sem terra, ou um céu sem inferno. agora a (te chamarei  
assim); cunningham, o velho merce vem, escrevendo com o movimento  
roubado dos gatos, o espaço sem centro, deixou as sombras ou  
ele mesmo, parece de longe o avesso do mergulho no ar, algo repetido  
todo o dia em acaso e sombras. inúmeras tentativas de  
abrir o espaço e sumir com seu próprio corpo.  
na legenda, além do pêlo preto e o branco com riscos cinza  
tinham com amarelo, gatos. e com verticalidade andam  
com pequenas almofadas nas patas e pulam sobre quem  
consente, o ar, o que temos em comum, agora.

## Nanotecnologias em debate: participantes do Simpósio Internacional dão suas opiniões

A IHU On-Line conversou com participantes do *Simpósio Internacional Uma sociedade pós-humana? Possibilidades e limites das nanotecnologias* para ouvir suas considerações a respeito dos debates em torno do tema

POR MOISÉS SBARDELOTTO

A partir da programação do *Simpósio Internacional Uma sociedade pós-humana? Possibilidades e limites das nanotecnologias*, a reflexão sobre aspectos técnicos, éticos e filosóficos a respeito dos impactos provocados pelas nanotecnologias não termina com a palavra final do conferencista. Todos os participantes, independente de seu interesse pelo tema, são estimulados e provocados a repensar também a sua participação em todo esse processo.

A IHU On-Line conversou com alguns dos participantes do Simpósio para conhecer um pouco dos interesses, dos questionamentos e das conclusões que puderam ser construídos a partir desse fórum de idéias e para saber também a avaliação geral do evento.

Para a farmacêutica Cleide Maria Redin, 46, de Parobé, o Simpósio trouxe uma idéia disciplinar muito importante, também a partir do aspecto social. Segundo ela, foi interessante pensar a respeito das possibilidades e das conseqüências dessas novas tecnologias, especialmente no que se refere à sua área de atuação, a farmácia. “Ficou bastante marcada a limitação do ser humano e a necessidade de complementação das nossas deficiências, como das doenças, por meio das nanotecnologias”, explicou.

Já o currículo qualificado dos conferencistas foi um dos pontos mais atrativos do evento para o acadêmico de história da Unisinos Tiago Zeni, 28. O estudante, natural de Ibirubá, afirmou que o Simpósio, mais uma vez, contribuiu para a reflexão sobre temas atuais, fundamentais para a construção de uma visão de futuro. “A Unisinos está de parabéns pela qualidade com que preparou o Simpósio”, disse.

Outra característica do evento é o seu formato multidisciplinar, de acordo com o doutorando em comunicação da Unisinos Elson Faxina, 51. “O tema das nanotecnologias, na comunicação, é muito atropelado. Por

isso, o Simpósio é um momento para parar e pensar o caráter humano e social dos avanços tecnológicos”, disse. O acadêmico questionou ainda os limites da relação ética que as nanotecnologias impõem. Salientou ainda a incorporação do campo emotivo, da esfera de paixão, emoção e de relação com o outro em algumas conferências. Para ele, somente com a inclusão dessa dimensão nos debates acadêmicos é que poderemos alcançar uma nova ética.

Para o pesquisador do Instituto de Pesquisas Tecnológicas de São Paulo, Paulo Martins, é muito raro que simpósio com o porte como o do promovido pela Unisinos ocorram na área das humanas. Ele ressaltou a qualidade e a diversidade de opções de minicursos, além dos palestrantes internacionais convidados. Para ele, o tema das nanotecnologias ganha importância por suas possibilidades de convergência com outras tecnologias, como a biotecnologia e a cognotecnologia. “Por isso, é importante refletir antes que tenhamos os fatos consumados”, explicou.

Mesmo quem não tinha muito contato com o tema também se sentiu atraído pelas discussões. Esse foi o caso do estudante de filosofia da Unisinos Antônio Anderson R. Costa, 22, natural de Porto Velho, Roraima. Segundo ele, o Simpósio trouxe para a discussão uma temática que não alcança a toda a sociedade e se ouve muito pouco a respeito até na universidade. A relevância das discussões, para ele, está em questionar se as possibilidades que as nanotecnologias sugerem são concretas. “Ainda não há fatos concretos determinantes, e por isso é necessário discutir”, afirmou. Comparando com os debates em torno dos transgênicos, o estudante crê que seja importante também um questionamento ético e moral dessas novas tecnologias.

A relação da técnica com o sujeito foi o destaque do Simpósio para a estudante de fisioterapia da Unisinos Michelle Querotti, 26, de Porto Alegre. Incentivada pelo seu professor de Bioética a participar do evento, a estudante afirmou que a questão humana geralmente fica em segundo plano nas discussões sobre novas tecnologias, e daí a importância do Simpósio para contrabalançar essa realidade. Segundo ela, os riscos nessa área de pesquisa ainda são muitos, e questiona: “Quem vai assumi-los?”. Sua colega, Larissa Roxo, 22, de Cachoeirinha, afirmou que o tema ainda não alcançou com muita força a área da saúde, e os benefícios ou malefícios das nanotecnologias ainda não estão de todo definidos. Por isso, explicou, o Simpósio colaborou para a compreensão das possibilidades que essa nova área carrega consigo.



Essas possibilidades, manifestadas em benefícios ou malefícios, foram bem abordadas nas palestras, segundo a estudante de Física da Unisinos Laís Raldissarelli, 19. Ela explicou que, nas áreas exatas, o ser humano acaba sendo excluído dos debates. Por isso, afirmou que o Simpósio contribuiu para se compreender as nanotecnologias com a presença do humano como um fator relevante. “E elas terão muito ainda a contribuir em todas as áreas”, resumiu. A jovem, natural de Ilópolis, ainda destacou a qualidade dos minicursos e também a programação do Simpósio.

A abordagem filosófica que as conferências proporcionaram a respeito das nanotecnologias foi o que mais agradou à pesquisadora Soraia Ramis, do Instituto de Economia Agrária de São Paulo. Ela destacou ainda a qualidade dos palestrantes e a organização do evento. Quanto à temática proposta, Soraia explicou que ainda há muitas divergências com relação às possibilidades das nanotecnologias. Além disso, ressaltou que é importante rediscutir o conceito de pós-humano, que, segundo ela, seria

melhor definido como transhumano.

“Excelente” foi a avaliação do frei franciscano Sini-valdo Silva Tavares, professor de Teologia Sistemática do Instituto de Teologia Franciscano, de Petrópolis, Rio de Janeiro. Para ele, que disse possuir um conhecimento incipiente na área das nanotecnologias, a escolha da temática, como os assessores convidados e a organização do evento estão de parabéns. Ele afirmou que este já é o quarto Simpósio promovido pela Unisinos de que ele participa. Nesta edição, o que ficou mais marcado para ele foram as contribuições de cada conferência e minicurso para abrir os seus horizontes de pensamento. “Com os dias cheios durante o Simpósio, a reflexão pessoal irá ocorrer ao longo do tempo, abrindo o nosso horizonte”, afirmou. Por isso, salientou a compreensão ampla que foi possibilitada pelo Simpósio, promovendo uma consciência da complexidade do tema. E, resumindo, confirmou que o saldo geral do Simpósio foi bastante positivo.

## Destaques On-Line

Essa editoria veicula entrevistas que foram destaques nas *Notícias do Dia* do sítio do IHU. Apresentamos um resumo delas, que podem ser conferidas, na íntegra, na data correspondente.

**Entrevistas especiais feitas pela IHU On-Line e disponíveis nas Notícias do Dia do sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu) de 27-05-2008 a 31-05-2008.**

**Yoñlu. “Não há consolo para a morte de um filho”**

**Entrevista com Luiz Marques**

**Confira nas Notícias do Dia 27-05-2008**

Após a morte de seu filho, que gerou inúmeras discussões acerca do acesso dos jovens em relação à internet, Luiz Marques lança agora a obra que Yoñlu, o Vinicius Gageiro Marques, deixou arquivada. Nessa entrevista, ele nos conta sobre como é lidar com a dor e com a rica obra que ficou.

**Nanotecnologias. “Não é um problema tecnológico, mas um problema humano”**

**Entrevista com Eric Drexler**

**Confira nas Notícias do Dia 28-05-2008**

Para o pai das nanotecnologias, precisamos pensá-las a partir da evolução dos sistemas da sociedade, pois os malefícios que elas poderiam causar são problemas humanos.

**Teologia pública. Seus espaços e seu papel**

**Entrevista especial com Rudolf von Sinner**

**Confira nas Notícias do Dia 29-05-2008**

Para o pró-reitor da Escola Superior de Teologia - EST, a “Teologia é a reflexão metodologicamente responsável sobre o falar de Deus”. Nesta entrevista, ele reflete sobre o papel da Teologia e o espaço da Teologia Pública no mundo.

**Nanotecnologias: entre a lógica do mercado e a necessidade das sociedades**

**Entrevista especial com Gilberto Dupas**

**Confira nas Notícias do Dia 30-05-2008**

É a precaução que deve nortear o desenvolvimento das nanotecnologias, não a lógica do capitalismo, segundo Dupas, que fala também, nesta entrevista, sobre o atual andamento das pesquisas em escala nanométricas e os prováveis caminhos que ela seguirá.

**A revolução bionanotecnológica. Cinco atitudes**

**Entrevista especial com Luigi Perissinoto**

**Confira nas Notícias do Dia 31-05-2008**

Para o professor da Università Ca’ Foscari Venezia, na Itália, as nanotecnologias são apenas uma versão particular, porque o problema é conceitualmente humano. O maior desafio é saber o que as nanotecnologias podem causar nos indivíduos e não pensar em como elas serão utilizadas.

acesse

[www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS

# IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

# C.

## IHU em Revista

## Agenda da Semana

Confira os eventos dessa semana, realizados pelo IHU.  
A programação completa dos eventos pode ser conferida no sítio do IHU  
([www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)).

<b>Dia 02-06-2008</b>
<p><i>Encontros de Ética</i> Os jovens e a participação sociopolítica. Em que paradigma de participação suas ações se inserem? Palestrante: Profa. Dra. Rute Baquero - Unisinos Horário: das 17h30min às 19h Local: Sala 1G119 - Instituto Humanitas Unisinos - IHU</p>
<b>Dia 03-06-2008</b>
<p><i>Cinema e Saúde Coletiva III: mulheres e seus múltiplos desafios</i> Exibição do filme <i>Pão e tulipas</i>, de Silvio Soldini (2000) Debatedor: Profa. MS Renata Pimenta Domingues - Secretaria da Cultura de São Leopoldo Horário: das 19h15min às 22h Local: Sala 1G119 - Instituto Humanitas Unisinos - IHU</p>
<b>Dia 05-06-2008</b>
<p><i>IHU Idéias</i> Conservação e exploração da biodiversidade - limites e oportunidades Palestrante: Prof. Dr. Demétrio Luís Guadagnin - Unisinos / PPG em Biologia Horário: das 17h30min às 19h Local: Sala 1G119 - Instituto Humanitas Unisinos - IHU</p>

# PARTICIPE DOS EVENTOS DO IHU

CONFIRA A PROGRAMAÇÃO NO SÍTIO  
[WWW.UNISINOS.BR/IHU](http://WWW.UNISINOS.BR/IHU)

## “Não estamos numa guerra de sexos com a nossa luta feminista”

Para a psicóloga Renata Domingues, há uma flexibilização e multiplicação das formas de se compor enquanto mulher no cenário atual, embora seja possível problematizar os efeitos destas novas configurações e seus enraizamentos

POR BRUNA QUADROS

“O sistema capitalista, ao contrário do feudal ou monárquico, apresenta uma abertura para o acesso, a circulação e a apropriação de informações numa velocidade global. Neste sentido, é possível agregar uma diversidade de elementos culturais, gastronômicos e estéticos (antes impensáveis) nas formas como nos construímos enquanto mulher.” A afirmação é da Profa. MS Renata Pimenta Domingues, em entrevista concedida por e-mail à revista **IHU On-Line**, acerca da temática do filme *Pão e tulipas*, o qual será exibido pelo Instituto Humanitas Unisinos – IHU, no dia 3 de junho, no evento Cinema e Saúde Coletiva: Mulheres e seus múltiplos desafios. Ao analisar a postura da figura da mulher, frente às transformações culturais e morais da sociedade, ela ressaltou que a relação do feminino com os dispositivos sociais fazem funcionar as relações de poder, nas quais se inserem as relações de gênero. Para ela, a questão recorrente não é mais a abertura de espaço para a participação feminina, mas, sim, perceber em que condições se dão as inserções em tais espaços.

Renata Pimenta Domingues é graduada em Psicologia, pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, e mestre em Educação, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atualmente, atua na área de Psicologia Clínica e Institucional. Vinculada a uma cooperativa de profissionais de saúde em Porto Alegre, realiza atendimentos individuais e grupais, além de elaborar projetos de trabalho em comunidades e instituições, tanto educacionais como de vulnerabilidade social. É também coordenadora pedagógica das oficinas de arte-educação da Secretaria Municipal de Cultura, de São Leopoldo.

**IHU On-Line - Como você percebe a luta pelo empoderamento e emancipação feminina nos dias de hoje? Quais são os principais resultados deste esforço?**

**Renata Domingues** - Trata-se, antes de tudo, de um processo em construção e sem perspectiva de estar pronto ou acabado. Entendo a relação do feminino com os dispositivos sociais que fazem funcionar relações de poder, nas quais se inserem as relações de gênero. Neste sentido, temos um devir-mulher funcionando nas diversas malhas da sociedade: econômica, política, religiosa, estética, cultural. Os devires,

para Deleuze<sup>1</sup> e Guattari,<sup>2</sup> são potências de diferenciação que se produzem

1 Gilles Deleuze (1925-1995): filósofo francês. Deleuze, assim como Foucault, foi um dos estudiosos de Kant, mas tem em Bergson, Nietzsche e Espinosa, poderosas interseções. Professor da Universidade de Paris VIII, Vincennes, Deleuze atualizou idéias como as de devir, acontecimentos, singularidades, enfim conceitos que nos impõem a transformar a nós mesmos, incitando-nos a produzir espaços de criação e de produção de acontecimentos. (Nota da IHU On-Line)

2 Félix Guattari (1930-1992): psicanalista francês, pensador, militante, admirado por movimentos de esquerda alternativos, autor de um dos livros mais discutidos entre os anos 70/80, *O anti-Édipo*, escrito em parceria com o filósofo francês Gilles Deleuze. Guattari visitou várias vezes o Brasil. (Nota da IHU On-Line)

no encontro das diferenças, gerando multiplicidades, forças de afirmação da vida que compõem as construções das subjetividades femininas atuais. Temos uma flexibilização e multiplicação das formas de se compor enquanto mulher no cenário atual, embora possamos problematizar os efeitos destas novas configurações e seus enraizamentos. Neste sentido, podemos questionar as formas de opressão que se repetem e também as apropriações que o capitalismo faz das invenções e suas potências de transformação da realidade. Potência é diferente de poder, e talvez pudéssemos analisar com

cautela o termo empoderamento.

**IHU On-Line - Podemos dizer que a autonomia feminina seja um reflexo da modernização da sociedade, que também passou a conviver com outras culturas e conceitos? Que outros fatores influenciam neste processo de reconfiguração do papel da mulher?**

**Renata Domingues** - O sistema capitalista, ao contrário do feudal ou monárquico, apresenta uma abertura para o acesso, a circulação e a apropriação de informações numa velocidade global. Neste sentido, é possível agregar uma diversidade de elementos culturais, gastronômicos e estéticos (antes impensáveis) nas formas como nos construímos enquanto mulher. Conhecer a realidade das mulheres muçulmanas, indianas, norte-americanas, tanto nas diferenças quanto nos elementos comuns, no que se refere ao comportamento de gênero, aos objetivos de vida, aos sonhos, às metas, à relação com os filhos, à casa e ao vestuário, nos permite problematizar o lugar da mulher na cultura em que vivemos. Delineia-se a possibilidade de participação em movimentos sociais internacionais, via internet, de alugar uma casa sozinha, de a maternidade acontecer em produção independente, de haver o controle da concepção, de ocupar os mesmos cargos que os homens, enfim, uma série de elementos que abrem possibilidades que nos distinguem das gerações anteriores. Entretanto, como define Michel Foucault, temos um movimento de liberação que aconteceu e nos permitiu diversas conquistas. Já a liberdade é um processo constante de lutas pela igualdade nestes espaços todos que foram conquistados. Não se trata mais de abrir espaço, mas de como, em que condições e com que efeitos, sobre nós mesmas e nossas relações, estamos inseridas nestes espaços.

**IHU On-Line - Diante de um contexto social, em que as mulheres têm cada vez mais visibilidade, seja pelas relações sociais ou de trabalho, como o homem se sente? O seu papel também se modifica? Quais os impactos para o homem nesse sentido? Há uma crise da identidade masculina,**

**baseada no patriarcalismo?**

**Renata Domingues** - É possível que as próprias mulheres também não saibam como se sentem nesta reconfiguração. Muitas vezes, há o conflito entre o espaço doméstico e o espaço público, a dupla jornada de trabalho e a mesma inserção num esquema de produtividade, que implica no empobrecimento da vida pessoal e familiar (espaço em que as mulheres eram tidas como referência de sustentação afetiva e de coesão dos laços do núcleo familiar). Ao mesmo tempo, talvez os homens se sintam mais “autorizados” a serem pais de uma forma mais flexível. Isso porque faz cada vez menos sentido, nas configurações da subjetividade, o modelo patriarcal, do homem provedor, herói, rígido, responsável pelos limites, cujo contato afetivo com os filhos era restrito. Parece haver algumas tentativas de reinventar este papel do homem contemporâneo na relação com as mulheres, seja no sentido de compartilhar o espaço doméstico, de forma mais igualitária (divisão das tarefas), seja na proliferação de guardas compartilhadas pelos casais. As famílias caracterizadas por um segundo casamento envolvem uma complexidade de novas relações entre homens e mulheres, filhos e enteados, que multiplicam as possibilidades de identificação das crianças com o feminino e o masculino, não mais composto apenas pela figura do pai ou da mãe, uma vez que agora temos a figura cada vez mais recorrente dos novos companheiros dos pais.

**IHU On-Line - O que representa a emancipação feminina no âmbito familiar? Os filhos também passam a ter mais autonomia, tendo em vista que as mães passam mais tempo fazendo tarefas externas às do lar?**

**Renata Domingues** - Por um lado, percebo uma preocupação das mães em qualificar o tempo que passam com seus filhos e, por outro, há uma distribuição da responsabilidade com os cuidados infantis. Há, hoje, mais pais com crianças no colo na rua, participando de reuniões escolares, e, às vezes, disputando na justiça mais tempo com os filhos. Há que se considerar, por diversas perspectivas, a questão

da autonomia das crianças que nascem numa era de tecnologia, cercadas por diversos estímulos midiáticos, de jogos interativos, computadores e eletroeletrônicos, das mais diversas ordens. Eles sabem utilizar com mais facilidade que os avós e os ensinam a operar muitas vezes. As escolas vêm buscando também trabalhar com pedagogias que incluem esta nova criança contemporânea. Do outro lado da moeda, estão crianças estressadas com muitos compromissos e contextos em que os pais pouco participam e terceirizam seu papel com a televisão, os jogos, a escola e as atividades extra-escolares.

**IHU On-Line - O que representa para a sociedade a participação feminina em lideranças de movimentos sociais, trabalhistas? Em comparação com movimentos coordenados por homens, quais as principais diferenças?**

**Renata Domingues** - Representa, antes de tudo, um tensionamento de estruturas rígidas e arraigadas no patriarcado, a partir das quais se construíram historicamente diversas instituições sociais. Temos a valorização da importância da mulher nestes espaços, aparecendo em diversas esferas da vida pública. Mas este lugar não é tranquilo. Estes espaços são, por natureza, feitos de muitas disputas e nestas, por vezes, cada lado lança mão das armas de que dispõe. E a ordem do patriarcado gera um *quantum* de poder efetivo ao qual se recorre em momentos de intensificação destas disputas. Mesmo os movimentos sociais mais libertários precisam incluir com seriedade, ainda na sua pauta de discussões, as questões de gênero, bem como a diversidade cultural. Tais temáticas vêm sendo tratadas de modo secundário ou como foco específico de certas minorias. Seria perigoso traçar um perfil dos movimentos coordenados por mulheres, correndo o risco de cairmos num essencialismo que mais nos enreda que amplia. Mais preciso seria dizer que temos múltiplas formas de se coordenar e liderar que aparecem com a entrada das mulheres nestes postos de trabalho. A questão do cuidado com as crianças passa a atravessar

cada vez mais as organizações, seja pelas demandas destas enquanto trabalhadoras que têm filhos, seja pela intensificação da abordagem desta temática nos mais diversos campos do conhecimento.

**IHU On-Line - Qual é a sua visão sobre a frase “As almas, como os corpos, podem morrer de fome: dê-nos pão, mas dêem-nos também rosas”, lema de ordem de um grupo de operárias americanas em greve, que serviu de inspiração para *Pão e tulipas?* De que forma este lema se insere no atual contexto social feminino?**

**Renata Domingues** - Esta frase tão tocante incita-nos a um paradoxo da luta pela igualdade de gênero: por um lado, há um caráter de reivindicação e disputa que implica numa firmeza de objetivos e ações consistentes pela causa. Por outro, a condição feminina também carrega consigo uma poesia, delicadeza, sensibilidade e afetividade que se inserem em todos espaços marcados pela presença do feminino. Nós também somos mães de meninos, temos irmãos ou pais, avôs. Não estamos numa guerra de sexos com a nossa luta feminista. Há muito amor e vínculos afetivos envolvidos nestas relações, que, em certos aspectos, também oprimem. E o grande desafio é enfrentar o machismo enquanto forma de delimitar o espaço feminino e masculino, sem com isso travar uma batalha contra os homens. Porque localizar neles unicamente a questão seria jogar-nos num determinismo, vitimismo e ser míope ao papel que temos na construção ou enfrentamento desta desigualdade. É preciso, mais do que isso, rever ações, sentimentos, pensamentos, políticas públicas, conhecimentos, livros, sistemas educativos e organizacionais e cada um de nós, no que diz respeito a esta legitimação da desigualdade. Enfim, nos alimentarmos de outras formas de tecer a vida (pão), podendo lidar com estes movimentos sem maniqueísmos, a partir da figura das rosas: perfume, beleza e espinhos compõem a mesma flor. E quem sabe sermos tulipas, flores que nascem em situações adversas e enfrentam ambientes hostis, intempéries, sem perder o encanto, o colorido, a delicadeza.

## Conservação e exploração da biodiversidade – Limites e oportunidades

POR BRUNA QUADROS

**M**ais do que nunca, a preservação dos ecossistemas e dos recursos naturais é um assunto que exige toda a atenção da sociedade. Diante do desafio de manter viva a conscientização dos indivíduos acerca do tema, o Instituto Humanitas Unisinos – IHU irá inserir o debate no âmbito acadêmico. Conservação e exploração da biodiversidade – limites e oportunidades é o tema do evento IHU Idéias, que será realizado no dia 5 de junho. Quem discutirá o tema é o Prof. Dr. Demétrio Luís Guadagnin, docente da Unisinos, no PPG em Biologia. Na oportunidade, o também presidente do Comitê Estadual da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica irá contextualizar os seus principais projetos de pesquisa, cujo foco é a conservação e o manejo da vida silvestre.

Os temas conservação da biodiversidade em arrozais, e manejos de espécies arbóreas invasoras no bioma Pampa, de pinus e conservação ambiental na zona costeira do sul do Brasil, além da sustentabilidade do extrativismo Kaingang de lianas em áreas peri-urbanas da grande Porto Alegre e efeitos do manejo tradicional do estuário da Lagoa do Peixe na conservação de aves aquáticas fazem parte das recentes pesquisas de Guadagnin. A seguir, acompanhe o foco e as pretensões de cada um dos trabalhos:

### Conservação da biodiversidade em arrozais

A perda, fragmentação e degradação dos habitats naturais estão entre os principais fatores de perda de biodiversidade. Mais de 50% das áreas úmidas do planeta foram perdidas nos últimos 100 anos, principalmente pelo avanço da agricultura. No Rio Grande do Sul, o principal fator é a expansão das lavouras de arroz. Por outro lado, as áreas agrícolas podem contribuir para a conservação de habitats e espécies. Os arrozais podem desempenhar um papel de suplementação dos recursos utilizados por muitas espécies de aves aquáticas, uma vez que são áreas úmidas temporárias. Alguns dos objetivos do projeto são descrever e comparar os padrões de composição e abundância da assembléia de aves aquáticas ao longo do ciclo anual em arrozais e em áreas naturais e analisar o efeito da presença de água nas lavouras de arroz na fase pós-colheita, sobre os padrões de composição e abundância. Foram estudados, na zona costeira do Rio Grande do Sul quatro re-

manescentes de áreas úmidas, seis arrozais drenados no período pós-colheita e quatro arrozais mantidos com água. Os remanescentes de áreas úmidas apresentaram maior riqueza de espécies que as lavouras de arroz e um padrão de flutuação sazonal diferente do encontrado nas lavouras ao longo do ciclo de cultivo. Entre as lavouras, aquelas mantidas com água no período pós-colheita abrigaram uma maior riqueza e abundância de aves. Os ecossistemas agrícolas são capazes de proteger uma fração expressiva da biodiversidade regional. Além disso, os arrozais não são substitutos dos remanescentes naturais na conservação da biodiversidade e as decisões de manejo das lavouras influenciam a capacidade das áreas agrícolas de conservar a biodiversidade.

### Manejo de espécies arbóreas invasoras no bioma pampa

O bioma pampa da América do Sul, que inclui o extremo sul do Brasil, o Uruguai e o centro-leste da Argentina, vem sendo objeto de maciços inves-

timentos do setor florestal para expansão da produção de madeira, em sistemas de monoculturas de espécies exóticas reconhecidamente invasoras — espécies dos gêneros pínus e eucaliptos. No Brasil, a superfície do bioma pampa protegida na forma de unidades de conservação de proteção integral é de 0,13%. Esta condição favoreceu a oportunidade da expansão da silvicultura baseada em espécies exóticas invasoras, que se converteu na principal ameaça presente à conservação da biodiversidade do bioma. Para tanto, o projeto propõe compartilhar as experiências de três grupos de trabalho do cone Sul da América do Sul, em diferentes níveis de avanço sobre a análise dos impactos da silvicultura baseada em espécies exóticas, o manejo de espécies lenhosas exóticas e o planejamento de ações e políticas de conservação. O compartilhamento de experiências é a forma mais rápida e eficiente de planejar ações de conservação abrangentes tanto quanto em relação ao marco conceitual como em relação à coerência espacial necessária para um bioma compartilhado entre os países proponentes. Entre os resultados pretendidos com o projeto, está a elaboração de um manual de melhores práticas de manejo para promover a prevenção e o controle de espécies arbóreas invasoras no bioma Pampa, além de uma avaliação dos impactos socioambientais em nível municipal (saúde, economia e meio ambiente) da economia baseada na silvicultura.

### **Manejo florestal de pínus e conservação ambiental na zona costeira do sul do Brasil**

A atividade silvicultural tem grande importância econômica no Sul do Brasil e impactos ambientais precisam ser mitigados. Na região de Mostardas, zona costeira do Rio Grande do Sul, persistem importantes conflitos entre a silvicultura de pínus, uma espécie invasora de ambientes naturais, e a conservação da biodiversidade regional. Lacunas de conhecimento sobre os efeitos do manejo florestal na biodiversidade e ecossistemas naturais

resultam em riscos associados a todas as ações de manejo propostas, cuja solução é necessária para avançar na compatibilização entre silvicultura e conservação. O manejo florestal pode resultar em mobilização dos sistemas de dunas e estímulo à re-infestação por pínus ou na recuperação da vegetação natural e fixação das dunas. O início de um plano de exploração florestal de pínus no Parque Nacional da Lagoa do Peixe oferece a oportunidade de iniciar um programa de pesquisa voltado à redução das incertezas sobre os efeitos do manejo. O projeto se orienta pela abordagem metodológica do Manejo Ecosistêmico Adaptativo, de tal modo que as ações de manejo se tornem tratamentos no sentido experimental. Os resultados desta atividade proporcionarão subsídios importantes para a gestão do conflito entre a silvicultura e a conservação da biodiversidade no sul do Brasil, em particular, no Parque Nacional da Lagoa do Peixe e seu entorno.

### **Sustentabilidade do extrativismo Kaingang de lianas em áreas peri-urbanas da grande Porto Alegre**

O extrativismo de lianas é uma atividade economicamente e culturalmente importante para as comunidades Kaingang. Desta atividade artesanal, dependem mais de 50 famílias destas comunidades indígenas na região de Porto Alegre. No entanto, esta prática tem gerado conflitos com a gestão de unidades de conservação, legislação ambiental no domínio da Mata Atlântica e proprietários de áreas com fragmentos florestais. O desafio é buscar soluções práticas e participativas, considerando, de um lado, a existência do extrativismo como base da produção de artesanato e sustentabilidade sociocultural e econômica das comunidades indígenas e, de outro, a preocupação com os efeitos deste extrativismo na conservação da biodiversidade. Compreender os processos de coleta e utilização de lianas pelas comunidades indígenas e os processos de regeneração dos estoques de lianas, sob diferentes condições ambientais e regimes de manejo, são

passos essenciais para manejar adaptativamente este recurso renovável de forma a garantir a sustentabilidade e otimização da atividade. Neste sentido, a proposta é estudar e manejar o extrativismo de forma participativa, envolvendo as comunidades Kaingang, gestores de áreas naturais protegidas, proprietários de áreas de interesse de extrativismo e comunidade científica, em um processo de aprendizado.

### **Efeitos do manejo tradicional do estuário da Lagoa do Peixe na conservação de aves aquáticas**

O Parque nacional da Lagoa do Peixe é um ambiente de zonas úmidas de importância internacional para aves aquáticas migratórias e um ambiente estuarino muito particular, por apresentar uma comunicação intermitente com o oceano. Nas épocas de cheia da laguna, em períodos de maior pluviosidade, ocorre a abertura natural da barra da laguna para a conexão com o mar. Persiste no parque a pesca artesanal de camarão-rosa, o que implica na abertura artificial da barra da laguna para a entrada das larvas de camarão, quando esta não ocorre naturalmente na época desejada. Portanto, já há longa data, a abertura artificial da barra da laguna vem sendo efetuada pelas comunidades locais. O plano de manejo do parque prevê o cancelamento deste manejo artificial da barra. A disponibilidade de habitat de alimentação é determinada pelas variações de nível d'água, e as aves podem ser tanto beneficiadas quanto prejudicadas pelo manejo antrópico. Existem habitats alternativos que podem ser ocupados, quando as condições da laguna são inadequadas, mas se desconhece sua adequação para as aves. O projeto contempla o manejo da barra da Lagoa do Peixe de modo adaptativo, através do monitorando dos efeitos de inúmeros fatores naturais e antrópicos sobre a riqueza, composição, comportamento e deslocamentos das aves aquáticas, durante seu período de permanência na laguna. Esta é a ferramenta adequada para conduzir ações de gestão de forma a reduzir as incertezas inerentes e refinar as ações.

# Perfil Popular

## Valcimar Rambor Aquino

POR PATRÍCIA FACHIN

O Perfil Popular desta semana conta a história de Valcimar Rambor Aquino. Morador da Vila Brás, de São Leopoldo, ele dedica a maior parte do seu dia-a-dia a uma atividade que já está quase em extinção, mas que ainda garante a renda da sua família: empalhar cadeiras. Em uma de nossas visitas à Vila Brás, encontramos Valcimar. Escondendo-se do sol forte, refrescado por uma pequena sombra, ele recapava uma cadeira atrás da outra, formando um mostruário bastante colorido e no mínimo diferente.

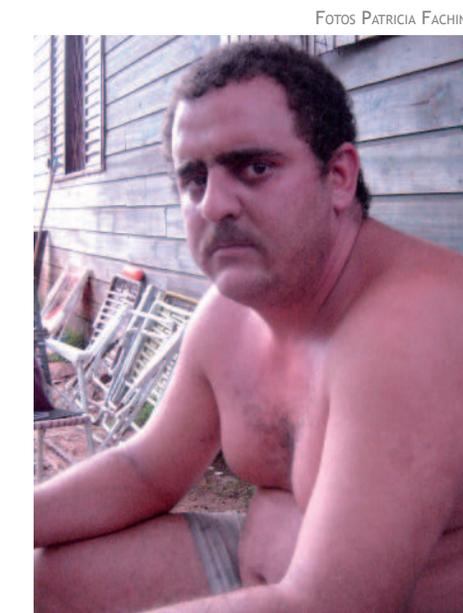
Acompanhe a seguir a história de vida deste homem que há 14 anos dedica-se a essa profissão. Em conversa com nossa equipe, ele contou um pouco da sua trajetória e as dificuldades encontradas para regularizar a atividade profissional.

Antes de completar 10 anos de idade, Valcimar mudou-se com os pais e irmãos para o município de São Leopoldo. Naquela época, a região do Vale dos Sinos era sinônimo de esperança para muitas famílias que, como a dele, vinham do interior em busca de oportunidades, dinheiro e prosperidade. Acostumado com a vida interiorana de São Jerônimo, sua cidade natal, ele conta que encontrou algumas dificuldades ao chegar na região metropolitana. A mais complicada foi tentar habituar-se à rotina de uma fábrica de calçados. Para ajudar na renda da família, ainda criança, precisou antecipar suas responsabilidades. “Desde os 12 anos, comecei a trabalhar na firma. Tinha que ajudar meus pais.” Após dedicar 8 horas do seu dia ao trabalho, ele tentava assistir as aulas, mas admite que o rendimento não era mais o mesmo. “Estudei de noite até terminar a 8ª série. Depois, parei...” O abandono dos estudos, confessa, com o olhar cabisbaixo, fez bas-

tante diferença na sua vida. “Trabalho consertando cadeira desde os 18 anos. Na verdade, não faço isso só porque gosto, mas porque é a maneira que encontrei para sobreviver e sustentar minha família”, desabafa. Casado pela segunda vez, ele tem três filhos do primeiro casamento, e dois do último, Tais Tainá e Wilian. Sua esposa, Magda Adriana Dorneles, também ajuda nas despesas da casa, trabalhando como doméstica.

### Trabalho

O jardim da casa funciona como ateliê. Estruturas metálicas de cadeiras, uma furadeira, chaves de fenda, parafusos e muitas fitas compõem o cenário desta atividade que consome 15 horas de trabalho diário. Para consertar as cadeiras de praia, Valcimar conta, há um ano, com a ajuda do sócio Luciano Azevedo Martis, 33, que como ele veio do interior em busca de prosperidade, mas, devido à crise no



FOTOS PATRÍCIA FACHIN

setor calçadista, ficou desempregado.

Nas segundas e terças-feiras, eles trabalham em casa, recuperando as estruturas metálicas das cadeiras. “A gente compra as armações no ferro velho e reforma elas. São cadeiras de praia. Primeiro, a gente lixa, depois pinta e, em seguida, fizemos o trabalho de recapar”, explica. Num dia, eles consertam mais ou menos 50 cadeiras. “Entre às 7h30min, no máximo às 8h da manhã, já estamos começando o trabalho. Parar não tem hora! Às vezes, está terminando a novela das 9h, e nós ainda estamos enrolando as fitas. Por volta das 23h, vamos dormir”.

De quarta-feira a sábado, a rotina é um pouco diferente. Nesses dias, eles se dedicam a vender os novos produtos. Valcimar, com sua Combi 77, azul e branca, dirige-se para São Leopoldo, e Luciano, no Escort 84, vai para a cidade vizinha, Novo Hamburgo. As vendas, conta Luciano, “mudam de acordo com a estação”. “No verão, vendemos



bastante. Em cada ponto, chegamos a vender mais ou menos 15 cadeiras por dia, dando uma renda semanal de 200 reais. A renda não é muito grande, mas dá para sobreviver, comprar uma coisa ou outra.” No inverno, as vendas são reduzidas à metade. “Normalmente, o nosso horário é muito maior do que se estivéssemos trabalhando numa empresa. Mas eu acho a minha atividade de consertar cadeiras muito melhor do que trabalhar dentro da fábrica. Aqui, se eu tiver 70 e tiver saúde para fazer a cadeira, a gente faz. Numa firma, tu tem 35, 40 anos, e eles já começam a te excluir e tu não consegue mais trabalhar”, argumenta.

Entre as dificuldades encontradas, eles reclamam da falta de apoio das prefeituras e de serem obrigados a trabalhar na informalidade. “Temos uma queixa das prefeituras. A gente quer colocar um ponto de cadeira para vender, mas correm com a gente. Isso acontece com mais frequência em Novo Hamburgo. Lá, enquanto a gente tá trabalhando, eles querem recolher nossas cadeiras e levar embora. Em São Leopoldo, a prefeitura ainda deixa a gente expor em alguns lugares, desde que não atrapalhe”, descreve Valcimar. E em seguida dispara: “No nosso tipo de trabalho, não podemos ficar sempre no mesmo ponto, porque daí cada vez vendemos menos. A pessoa que compra uma vez vai demorar para comprar de novo”. Mais do que arrumar as cadeiras em casa, é necessário mostrar para o público como o trabalho é feito, explicam. “Enquanto a gente faz, temos que expor as ca-

deiras. Se tu colocar elas nas costas e sair pra vender, ninguém sabe se tu comprou ou se tu tá vendendo”, argumenta Luciano.

Eles dizem que já procuraram as prefeituras várias vezes para tentar regularizar a profissão, mas até agora não obtiveram resultados. “A gente tentou ir nas prefeituras da região e pagar uma taxa mensal como fazem os camelôs do centro, mas elas não aceitaram nossa proposta”, reclama Valcimar. Com o sentimento de revolta surge também a expectativa de melhorar de vida. “Eu gostaria que a gente conseguisse regularizar nosso serviço. Nós sabemos fazer outras coisas além de trabalhar com o conserto de cadeiras. Mas, por não ter estudo, a gente não tem mais chance. Não adianta correr atrás de outros serviços só para perder tempo”, desabafa Luciano.

Se depender deles, a profissão não será passada para a próxima geração. “Quero apoiar meus filhos nos estudos para que eles consigam trabalhar em alguma coisa que eles queiram, desde que não seja com cadeiras”, cogita Valcimar.

Entre os sonhos dos sócios, está o desejo de expandir a produção: “Gostaria de ter mais ferramentas para poder ampliar nosso serviço, já que nosso trabalho não é ilegal”, revela Luciano. E dispara: “Fora isso, não adianta a gente sonhar com um novo trabalho por causa do pouco estudo que nós temos. Por isso eu não me queixo da minha vida. Para mim, tá bom assim. A gente não tem ambição de conseguir mais coisas”.



Desanimados com tantos impasses para regulamentar a atividade profissional, eles se dizem desiludidos com a política. “É uma *robalheira!*”, afirma Valcimar. “Eles dizem que é o povo que manda e decide, mas nós não podemos nem chegar perto deles. Somos atendidos por assessores. Então, tudo que eles falam é ilusão”, contesta Luciano.

## IHU Repórter

## Maísa Beltrame Pedroso

POR BRUNA QUADROS E PATRICIA FACHIN

“Quando vim dar aula na Unisinos, eu era nutricionista e não professora.” Aprender a didática para atuar em sala de aula foi um dos grandes desafios profissionais para a Profa. MS Maísa Beltrame Pedroso, coordenadora do curso de Nutrição, na Unisinos, que, nesta semana, conta a sua trajetória de vida à revista IHU On-Line. Natural de Uruguaiana, no interior do estado, ela cresceu em um âmbito muito familiar, com valores de família muito fortes, os quais ela cultivava até hoje. A escolha pelo curso de Nutrição aconteceu por acaso. Mas, hoje, sua profissão é apenas uma das suas conquistas. Muito mais do que o conteúdo a ser passado em sala de aula, é a formação dos alunos que mais lhe preocupa. Segundo ela, para desenvolver a saúde no Brasil é preciso que haja profissionais capacitados. Confira, a seguir, a entrevista:

**Origens** - Nasci em Uruguaiana, na fronteira. Minha mãe, Magda, é professora de educação artística e meu pai, Almir, era comerciante. Vim de Uruguaiana para Porto Alegre em 1972, quando estava com 12 anos de idade, em função do trabalho da minha mãe. No início, foi bastante difícil a adaptação, devido ao fato de ter que trocar de escola e de não conhecer ninguém. Isso mudou muito a rotina da família. Nós estávamos sempre em casa, para as refeições e, com a mudança para a capital, passamos a não nos encontrar com tanta frequência. E meu pai permaneceu morando no interior, o que tornou ainda mais difícil a adaptação. Só depois de meio ano que ele veio morar conosco, em Porto Alegre. Da rua Protásio Alves, fomos morar na zona sul da capital. É uma zona com mais verde, com cara de interior, onde eu gosto muito de morar.

**Infância** - Os momentos mais importantes foram quando eu passava as férias na casa da minha avó paterna.

Era muito bom, porque eu tinha toda a atenção. Além disso, ainda era tempo de brincadeiras de comidinha. Minha avó era daquelas pessoas que tinha horta e jardim com flores. Então, eu também plantava.

**Irmãos** - Somos cinco filhos: uma irmã, mais velha do que eu, e três irmãos mais novos. Eu e meu irmão mais moço somos muito apegados. Nós brigávamos com a mais velha, que era muito chata. Eu brincava muito com o meu irmão, Almir, jogávamos bolitas e até brincávamos de carrinho. A gente se divertia muito. Eu era muito responsável por ele, a ponto de levá-lo à escola.

**Família** - Minha estrutura familiar é, realmente, “muito família”. Sou uma mistura de espanhol com italiano, e as reuniões familiares sempre foram muito importantes. A vida toda eu me constituí em família. Nas férias, os primos estavam todos juntos. E, aos finais de semana, nos reuníamos para almoçar na casa dos meus avós. No interior, as famílias têm



PATRICIA FACHIN

este costume de se reunirem para as refeições, o que pode ter influenciado na minha escolha profissional. Meu pai era muito carinhoso. Todos os meus amigos eram amigos dele e sentiram muita falta, quando ele se foi.

**Casamento** - Meu marido, Paulo Ricardo Pedroso, era meu colega de escola, na sexta série. Nos conhecemos desde os 14 anos. Estamos completando 25 anos de casados. Tenho dois filhos: o Anderson, de 24 anos, que se formou em Psicologia na Unisinos, e a Natália, que está concluindo o curso de Nutrição.

**Estudos** - A graduação em Nutrição foi algo inesperado. Tinha feito vestibular para Medicina, e uma colega me convidou para fazer vestibular na Unisinos. As opções em saúde eram os cursos de Enfermagem ou Nutrição. Optei pela Nutrição, embora não soubesse muito bem o que era. Mas o curso foi me cativando cada vez mais. Percebi que é possível trabalhar a